

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS DE GRAJAÚ-MA
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/GEOGRAFIA**

NAIZA MOURA SILVA

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DA PROBLEMÁTICA NO
MUNICÍPIO DE GRAJAÚ-MA.**

**GRAJAÚ – MA
2020**

NAIZA MOURA SILVA

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DA PROBLEMÁTICA NO
MUNICÍPIO DE GRAJAÚ-MA.**

Monografia apresentada ao curso Interdisciplinar de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão – Campus de Grajaú, como requisito para a obtenção do grau em Licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Geografia.

Orientadora: Prof. Dr. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida.

**GRAJAÚ – MA
2020**

Moura Silva, Naiza.

Gravidez na Adolescência: Um Estudo da Problemática no Município de Grajaú – MA / Naiza Moura Silva. – 2020.
62 f.

Orientador (a): Mônica Ribeiro Moraes de Almeida.
Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas – Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú - MA, 2020.

1. Gravidez na Adolescência. 2. Jovens. 3. Precoce. 4. Sexo.
I. Ribeiro Moraes de Almeida, Mônica. II. Título

NAIZA MOURA SILVA

**GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UM ESTUDO DA PROBLEMÁTICA NO
MUNICÍPIO DE GRAJAÚ-MA.**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas - Geografia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Câmpus de Grajaú, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas - Geografia.

Aprovada em: 13 / 01 / 2020

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Monica Ribeiro Moraes de Almeida (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profª. Drª. Rosimary Gomes Rocha
Universidade Federal do Maranhão

Profª. Ms. Izeth Nascimento Barros
Universidade Federal do Maranhão

Grajaú – MA
2020

“Precisamos resolver nossos monstros secretos, nossas feridas clandestinas, nossa insanidade oculta. Não podemos nunca esquecer que os sonhos, a motivação, o desejo de ser livre nos ajudam a superar esses monstros, vencê-los e utilizá-los como servos da nossa inteligência. Não tenha medo da dor, tenha medo de não enfrentá-la, criticá-la, usá-la”.

(Michel Foucault)

Dedico este trabalho ao Prof. Ms Samir Casseb e a minha vó Laura Alves, que foram pessoas importantes que eu perdi durante esta trajetória, mas que incentivaram ativamente para minha construção pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para continuar nessa jornada e nunca me deixar desistir de mim mesma, por ele ter me concedido sabedoria em todos os momentos complicados para eu seguir firme e forte durante essa árdua batalha.

A minha mãe Maria Sideles Moura Silva, por ser minha força quando eu mais precisei e pelos sacrifícios realizados durante toda a minha vida, você é guerreira e batalhadora, me orgulho muito da senhora, minha inspiração de mulher, eu lhe amo para toda a minha vida.

Ao meu padrasto José de Ribamar dos Santos Luz, por ser esse homem incrível e me ensinar o verdadeiro significado de pai, que nunca me deixou faltar nada, principalmente amor, muita gratidão por cada ensinamento seu.

Aos meus irmãos Diogo Silva Luz, Diêgo Silva Luz e Yure Silva Luz, por serem a alegria da minha vida e me tirarem os melhores sorrisos quando eu preciso, eu amo todos vocês. Prometo cuidar de todos da melhor maneira possível durante toda a minha vida.

A minha avó que sempre sonhou tanto em vivenciar este momento comigo, mas que infelizmente partiu durante essa trajetória, foi uma pessoa que sempre me ensinou muitas coisas boas e ser integra com meus sentimentos, amarei eternamente, era uma mulher guerreira e que lutou tanto por sua vida, obrigada por sua existência e por tudo que foi compartilhado.

As minhas amigas Milênia Oliveira, Talya Pinheiro e Ester Jacos, por me acompanharem durante essa longa trajetória, com vocês meu caminho foi mais alegre, serão pessoas que guardarei eternamente no meu coração. Obrigada por toda a ajuda e conselhos que vocês me concederam, pelos segredos compartilhados e pelas lágrimas derramadas, sei que sempre poderei contar com vocês, são mais que amigas se tornaram irmãs que levarei para minha vida.

Agradeço aos meus amigos de infância Ekatheline Campos e Matheus Fraz por serem pessoas extraordinárias e me acompanharem durante toda a minha vida, sendo essências nas minhas conquistas e acreditando nos meus sonhos comigo. Amo vocês.

Agradeço também a minha amiga Rosiléia Souza por ser a melhor amiga que eu poderia ter, gentil, carinhosa e paciente, sempre com os melhores conselhos possíveis, a pessoa que sempre acreditou em mim e nunca me deixou desistir de quem sou gratidão por Deus colocar você na minha vida na hora que eu precisava.

A toda minha família que sempre me deu forças para enfrentar os obstáculos impostos no meu caminho, em especial a minha tia Maria Sinária que sempre foi como uma mãe pra mim e sempre vibrou com as minhas conquistas.

Agradeço ao meu eterno amigo e prof. Ms. Samir Casseb falecido de uma maneira tão trágica, foi um dos principais responsáveis pelo meu amadurecimento acadêmico, lembrarei dele sempre sorridente e com alegria no coração, foi o primeiro a acreditar em mim e nos meus sonhos, abraçou este trabalho no início de tudo e me mostrou o caminho que deveria seguir. Infelizmente sua caminhada

comigo foi interrompida, mas saiba que dedico este trabalho para ele com todo o amor do meu coração, todos que convivem comigo sabem do meu eterno agradecimento por ele e como eu lhe considerava um “paizão”, escrevo cada palavra com lágrimas nos olhos, pois a saudade ela só aumenta a cada instante, mas sei que Deus fez planos pra ele bem maiores daqueles que poderíamos entender. Sei que se orgulharia muito deste momento, mas deve está muito feliz onde está, por fim me alegro muito de ter o conhecido e ter aprendido tanto em 2 anos de convívio.

Não poderia deixar de agradecer a minha orientadora Mônica Ribeiro Moraes de Almeida, que me acolheu tão bem no momento que eu precisava, me ajudou á amadurecer nas palavras e na construção deste trabalho, nada disso seria possível sem sua ajuda, agradeço imensamente pelos seus conselhos, você é uma pessoa incrível, mas acima de tudo uma professora exemplar, paciente e carinhosa, agradeço por todos os seus ensinamentos.

Agradeço também aos professores que passaram pelo meu caminho e me ensinaram tanto durante esse processo de amadurecimento, em especial os profs Ramon Alcântara, Patrícia Ataíde e Cristina Torres que mantive um relacionamento maior em sala de aula. Agradeço também a prof^a. Dr^a. Rosimary Gomes Rocha que aceitou fazer parte da minha banca e que me deu belos conselhos para melhora-lo na minha primeira avaliação.

Agradeço aos meus colegas e amigos de classe que me ensinaram tantas lições de vida, assim como o convívio em grupo com pessoas totalmente desconhecidas para mim. Levarei tudo àquilo que foi vivido como um grande aprendizado para minha história.

Por fim, agradeço aos companheiros e professores que vivenciaram comigo no programa residência pedagógica, e o quão importante foi para que eu desse um salto enorme na minha evolução dentro de sala de aula, como eu pude vivenciar de perto a experiência de ver jovens adolescentes grávidas no ambiente escolar.

RESUMO

Esta monografia tem por finalidade relatar os impactos da gravidez na adolescência ao longo do tempo, até chegar aos dias atuais no Município de Grajaú- MA. Para a realização desta pesquisa foram entrevistados 4 adolescentes de uma determinada escola de Grajaú, na qual os mesmos deveriam relatar suas experiências com essas jovens em sala de aula ou fora dela, e 3 adolescentes que engravidaram entre as idades de 13 á 18 anos. A pesquisa está pautada como estudo qualitativo em que buscou á utilização das entrevistas abertas, assim como o uso de livros, artigos, Trabalhos de Conclusão de Curso e na Legislação a respeito do tema abordado. Existem muitos trabalhos que dão suporte para o assunto trabalhado, mas ao chegar no Município esse cenário fica totalmente desconhecido, pois só foi encontrado um trabalho que discute sobre a temática, um lugar com pouca visibilidade para o assunto escolhido. É preciso políticas voltadas para a discussão do assunto dentro de Grajaú, para que menos adolescente engravidem diariamente. Assim como os pais precisam apoiar seus filhos e conversar sobre a sexualidade na modernidade, já que passou a ser um assunto tão banalizado. O seguinte trabalho tentou mostrar um pouco sobre os conflitos enfrentados pelas jovens adolescentes contatadas e de que forma a gravidez entrou na vida destas e como as afetou na sua rotina.

Palavras- chave: Gravidez na Adolescência. Jovens. Precoce. Sexo.

ABSTRACT

This monograph aims to report the impacts of teenage pregnancy over time, until reaching the present day in the city of Grajaú-Ma. To conduct this research were interviewed 4 adolescents from a particular school in Grajaú, in which they should report their experiences with these young girls in and out of the classroom, and 3 teenagers who became pregnant between the ages of 13 to 18 years. The research is guided as a qualitative study in which it sought the use of open interviews, as well as the use of books, articles, Course Completion Papers and Legislation on the topic addressed. There are many works that support the subject matter, but when arriving in the city this scenario is totally unknown, because only one work was found that discusses the theme, a place with little visibility for the chosen subject. Policies are needed to discuss the issue within Grajaú, so that less teenagers get pregnant daily. Just as parents need to support their children and talk about sexuality in modernity, as it has become such a trivial matter. The following paper has tried to show a little about the conflicts faced by the contacted young adolescents and how pregnancy has entered their lives and how it has affected them in their routine.

Key- words: Teenage Pregnancy. Young. Precocious. Sex

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE ACERCA DAS QUESTÕES SOCIAIS.	15
2.1 Infância e adolescência como construções sociais.....	16
2.2 Diferentes perspectivas sobre a adolescência na contemporaneidade.....	17
2.3 A sexualidade como problema social.	18
2.4 O controle sobre o corpo da mulher.	21
2.5 A gravidez como problema. Diferentes concepções sobre gravidez, a partir de fatores socioeconômicos.....	22
2.6 Novos contornos da família na contemporaneidade.	24
3 .PENSAMENTO SOBRE GRAVIDEZ: UMA ANÁLISE COM ADOLESCENTES DE 15 E 16 ANOS.....	27
4 AS ADOLESCENTES SE APRESENTAM	44
4.1 O PENSAMENTO DAS ADOLESCENTES A CERCA DA GRAVIDEZ.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60

1 INTRODUÇÃO

A gravidez na adolescência tem se tornado um assunto discutido no mundo todo e por vários autores diferentes. O grande impacto que essa temática causa nas pessoas, leva a busca por respostas sobre o que deve ser feito para diminuir tal situação dentro da sociedade. A problemática da gravidez precoce preocupa, pois ela evidencia o alto número de jovens que engravidam durante a primeira fase da adolescência.

É visível que quando uma adolescente engravida causa uma série de decepções naqueles que colocaram sobre elas perspectivas construtivas, na família isso fica ainda mais evidente, pois os pais esperam que suas filhas estudem e consiga uma autonomia pessoal e financeira, e que só mais a frente possa construir sua família, entre os amigos a gravidez se torna um espelho de desencanto e afastamento por parte de grande maioria, principalmente dentro das escolas onde a jovem passa a ser excluída de grande parte das atividades em grupo.

Estudar a gravidez na adolescência é essencial e de grande relevância para o município de Grajaú - MA que é o foco desta pesquisa. No decorrer da minha graduação senti a necessidade de estudar um tema tão importante para a população e para mim mesma que sou fruto de uma gravidez na adolescência, a pesquisa ela preenche diretamente um sentimento de vazio que vivenciei durante toda minha vida, uma experiência pessoal e profissional que levarei comigo sempre. Encontramos constantemente jovens grávidas pelas ruas da cidade, na qual as mesmas se encontram em situação de vulnerabilidade. É necessário entender o cenário que estas jovens se encontram e dar novas oportunidades para as mesmas. Escutar cada relato destas me levou a novas perspectivas a respeito do assunto.

O interesse por esta pesquisa se deu a partir do convívio com algumas adolescentes que tiveram filhos jovens e da carência de estudos na cidade, foram encontrados poucos dados a respeito do local, apenas uma monografia da autora Alicilene Nascimento de Sousa, onde a pesquisa foi defendida no ano de 2017, que dá ênfase ao bairro extrema de Grajaú – MA, seu principal objetivo é analisar os impactos da gravidez na adolescência, na vida escolar e profissional dessas jovens mulheres. Este trabalho traz o relato de 16 mulheres que tiveram uma gravidez na primeira fase da adolescência, todas as participantes eram moradoras do bairro extrema que mostraram através de seus relatos como a gravidez afetou suas vidas.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender o sentido da gravidez para as adolescentes contatadas durante as entrevistas. A partir da análise de Michel Foucault sobre sexualidade, como essas jovens conseguem se introduzir socialmente sem serem reprimidas ao falarem de sexo ou por viverem essas relações sexuais cada vez mais cedo e tentar compreender como as instituições sociais ainda são grandes formadoras de identidade quando o assunto é o entendimento sexual.

Dessa forma, procurei analisar os índices de gravidez na adolescência, em especial na cidade de Grajaú – MA, onde possuí um número de gravidez elevado, mesmo possuindo dados incertos; apresentar um perfil social das adolescentes contatadas, que são jovens de famílias estabilizadas e conservadora do município e descrever a vivência da gravidez exposta pelas adolescentes contatadas, a partir de autores que já falaram a respeito do assunto e mostrar a importância da teoria e da prática para o melhor entendimento da temática trabalhada.

Durante as conversas desta pesquisa foi possível observar que grande parte dos jovens entrevistados tem acesso e informação sobre os métodos contraceptivos, boa parcela das adolescentes que engravidaram foi por descuido por parte do casal, pois os mesmos já mantinham uma vida sexual ativa. A dificuldade para encontrar adolescentes que engravidaram e quiseram partilhar desse momento da vida delas nesse trabalho foi muito complexo, conversei com muitas jovens que me relataram que sentiam medo e vergonha de expor suas vidas e não quiseram participar da pesquisa nem mesmo de forma anônima, o que me trouxe certo grau de dificuldade para compreender essa realidade vivenciada por elas.

Além das entrevistas com as adolescentes que engravidaram, nesta pesquisa buscou-se compreender o sentido da gravidez para alguns jovens de uma determinada escola do município de Grajaú – MA. Onde o intuito era que eles relatassem a experiência deles com essas “jovens mulheres” dentro e fora da escola, qual era o olhar destes sobre essas “garotas” e tudo aquilo que eles conseguiam observar durante o dia a dia deles com elas. Uma vez que o ambiente escolar é um espaço cheio de adolescentes que vivenciam uma gravidez na primeira fase da adolescência.

A grande maioria dos entrevistados mostrou maturidade e conhecimento ao falarem do assunto, são adolescentes na primeira etapa da “adolescência”, que decidiram participar da entrevista e contar um pouco da vivência deles dentro da

escola como também suas visões gerais a respeito do assunto abordado. Conversar com esses adolescentes foi complicado de início, pois os mesmos se sentem reprimidos e com vergonha de falarem sobre o tema, muitos dos quais pude falar não quiseram se quer participar da pesquisa, mesmo sendo anonimamente, isso reflete na pesquisa diretamente e mostra porque os índices são tão incertos ao discutir sobre o assunto.

Ao estudar a respeito da gravidez na adolescência, é possível observar o tabu que é pra se falar de sexo na sociedade, as jovens ainda são reprimidas por vivenciarem um romance sexual. Como os pais não esperam que as filhas vivam este momento, resolvem não falar do assunto com as adolescentes e se calam, deixando essas “garotas” cheias de dúvidas e incertezas a respeito do assunto, o que leva as mesmas a fazer suas próprias escolhas e viver este momento da sua maneira.

Esta pesquisa foi pautada na coleta de dados de campo, que utilizou de questionários para entender sobre a gravidez, que contou com a participação de adolescentes de uma escola e com jovens que tiveram filhos ou estão grávidas do município de Grajaú – MA, onde se tentou evidenciar a importância do assunto para as famílias que estão vivenciando deste momento.

Este trabalho está dividido em quatro momentos, no primeiro, conta com uma introdução que aborda a respeito do assunto e da localidade escolhida, na segunda parte foi abordado o contexto da gravidez na sociedade e nas famílias que elas se passavam, tentando mostrar os aspectos da realidade naquele contexto. Na terceira parte são apresentadas as discussões a respeito do que pensam os adolescentes sobre a gravidez dentro da escola e no município. Na quarta parte é abordado o relato das adolescentes contatadas que passaram ou estão passando por uma gravidez na adolescência.

Por fim, busquei mostrar os resultados que foram encontrados nesta pesquisa e das consequências que as jovens adolescentes enfrentam para conseguirem superar os preconceitos da sociedade diariamente.

2 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE ACERCA DAS QUESTÕES SOCIAIS

O estudo sobre gravidez é de grande relevância para desconstruir elementos já estabelecidos pela sociedade. Primeiramente, entende-se que é necessária a construção sexual do indivíduo, para que este esteja inserido no meio social, uma vez que para se construir uma identidade própria era necessária que estes se entendessem enquanto indivíduos que satisfizessem seus desejos perante suas vontades.

A juventude deveria ser a fase de entendimento pessoal na vida dessas adolescentes e de crescimento físico e emocional. Que nem todos têm direito a esse momento, passando diretamente para a fase adulta, incorporando assim uma personalidade confusa e muitas vezes de traumas. Esse período de transição de infância para a fase adulta pode trazer muitas confusões e estranheza na própria personalidade, onde se encontram em um contexto diferente daquele que já era habituado.

Esses novos tempos, decorrentes de fenômenos atuais, que tentam trazer a retomada do “Prolongamento da juventude”, busca ter novas respostas para o que vem acontecendo, porém, como todo campo de discussão há as divergências entre as questões tratadas no processo de atualidade, essa passa a ser nitidamente um fator preocupante, por falta de apoio a esse público alvo, principalmente quando se trata das adolescentes mais carentes que são dependentes de seus pais, o que pode acarretar ainda mais problemas no âmbito na qual a mesma está inserida. Esse processo de modificação de uma fase da vida para outra pode transformar o cotidiano e as interações sociais das adolescentes completamente, sejam elas familiares, de amigos e até mesmo com seus próprios pais.

Cabe salientar que essas preocupações surgem juntamente com os processos evolutivos que a sociedade trouxe consigo, faz-se necessário o debate das mesmas, para entender como esses impasses foram construídos ao longo da história, para que se tenha um melhor aprimoramento dessa temática, pois a gravidez na adolescência não se trata de um problema distante, é uma realidade cada vez mais presente no nosso cotidiano e na nossa sociedade. As adolescentes estão iniciando a vida sexual cada vez mais cedo e são inúmeras as consequências

desse ato, seja ela uma gravidez ou até mesmo as doenças sexualmente transmissíveis.

Dessa forma, estudar a gravidez na contemporaneidade é necessário como fator primordial, para o entendimento dessa nova visão social, como modelo de construção para a vida em sociedade, já que esta temática engloba diferentes visões sociais, ou seja, o desenvolvimento humano depende intimamente desse contexto. Tendo a visão de que uma gravidez nem sempre é o fim da vida dessas adolescentes e que as mesmas podem construir seu futuro a partir desse momento e tendo a total liberdade de escolha para formar uma família.

2.1 Infância e adolescência como construções sociais

Ser criança parece algo normal porque interligamos o nome “criança” ao conceito de brincadeiras, terem sonhos malucos ou viver de forma intensa, sem ter medo de cair como os adultos têm, ligamos essa fase ao um momento onde este necessita de carinho, cuidado e proteção. Essa infância na qual vivenciamos hoje nem sempre foi vista dessa forma e pode variar dentro das sociedades.

Dentro das sociedades antigas o sentido de infância e adolescência era completamente diferente da atualidade, onde esses não possuíam direitos, nos quais o bem-estar fosse algo presente (SOUZA et al, S/D). A luta desses era vencer os dias difíceis como o trabalho e as doenças que se faziam bastante presente, o que acarretava várias mortes, estes indivíduos deveriam conseguir vencer os dias difíceis para conseguirem sobreviver.

Antes de se construir os direitos nas quais as crianças fossem protegidas, essas eram vistas pela sociedade como aqueles seres inferiores e sem alma, ignorava-se o que conhecemos hoje por “infância”. Até o século XVIII (SOUZA et al, S/D), esse espírito coletivo não era presente na idade moderna, essas crianças eram vistas como “animais de estimação”, ou seja, os índices de mortalidade eram muito maiores do que os da atualidade e era tudo diferente do que conhecemos hoje, ou seja, essas crianças eram apenas sobreviventes de uma realidade dura e cruel.

A mortalidade infantil era numerosa, mesmo nas famílias mais abastadas e, ao morrerem, com frequência, as crianças eram enterradas no próprio pátio doméstico, sem batismo. Quando sobreviviam à primeira infância, podiam viver anos sem que lhes fosse atribuído um nome próprio. Aquelas que sobreviviam às doenças dos primeiros anos, às pestes e a outros males,

mal adquirindo algum desembaraço físico, logo passavam a se misturar às rodas de adultos, no trabalho e nas festas (ARIÈS, 1978, apud SOUZA, p.9).

Nessa etapa não existe o que chamamos de viver uma infância com qualidade ou com privilégios especiais, eram apenas pessoas sobreviventes desse meio, sem ter liberdade para brincar ou se divertir, ou seja, essas crianças lutavam para passarem desta fase e vencerem a esse momento da vida.

Como, na maior parte das famílias, o trabalho era realizado no próprio ambiente doméstico, brincar e trabalhar eram atividades que se misturavam, levando as crianças a migrarem diretamente à posição de trabalhadores, sem passar pela adolescência e juventude, tal como as conhecemos nos dias atuais. São costumes estranhos, se os analisamos à luz das concepções que hoje temos, quando identificamos nas crianças sujeitos de todos os direitos humanos, individuais e sociais (SOUZA et al, S/D, p.9).

A infância tal qual como a adolescência passam a ser construídas dentro de sua própria sociedade e tempo determinante, ou seja, elas acabam por ganhar visibilidade dentro da modernidade como um processo de determinação para o crescimento evolutivo.

Na modernidade, surge o sentido de infantilidade, caracterizando-se o tratamento da infância como fase de menor valor social que a juventude e a vida adulta. A atribuição de infantilidade à criança revela um juízo de valor derivado do pensamento econômico: os mais novos são colocados em posição de menor status social que os mais velhos, não por necessitarem de suporte, ajuda e apoio social, mas sim porque exibem menos maturidade, autonomia, racionalidade e produtividade, valores que são os mais prezados nas sociedades capitalistas modernas (SOUZA et al, S/D, p.10).

O mundo contemporâneo lança um estereótipo a ser seguido, o que leva que todos precisam ser iguais, ou a seguirem determinado padrão, o que pode originar futuros adultos incoerentes ou que não sabem se expressar corretamente em meio aos fatos e ocorrências.

2.2 Diferentes perspectivas sobre a adolescência na contemporaneidade

Sabemos que cada sociedade constrói seu perfil de jovem, ou seja, o adolescente do passado, não é o mesmo da modernidade, aquele que é

transformado todos os dias através da mídia, tomando para si uma mudança de postura constante, um fluxo de instabilidade pertencente a esses novos tempos.

As mudanças são fatores bastante presente para o desenvolvimento humano, entretanto, não é algo tão natural quanto se parece, uma vez que as causas sociais tem um papel de fundamental importância para esse progresso, seja ela boa ou ruim. Essas transformações mudam por completo a vida dos jovens, seja emocionalmente ou socialmente.

Sob a influência dessas fontes de coação, o desenvolvimento não toma um único curso. Admite-se, hoje, que os processos de desenvolvimento da pessoa sigam trajetórias probabilísticas, ou seja, as experiências distintas e singulares, vivenciadas em contextos específicos, a interação com pessoas e grupos particulares e a própria interação entre tais aspectos vão levando a pessoa a futuros mais prováveis que outros. Portanto, defendemos que, sob novas influências sociais, sempre há alguma possibilidade de romper uma trajetória e adotar outra (SOUZA et al, S/D, p.17-18).

A compreensão sobre adolescência é confusa e pode ser entendida dentro de diferentes causas, sendo defendida por visões distintas. Mas o que significa ser adolescente? Uma pergunta na qual cada ciência responderá ao seu modo de ver, tendo assim diferentes respostas para abordagem.

Nas sociedades antigas o amadurecimento, ou seja, a fase adulta se dava mais cedo, esses jovens poderiam trabalhar, ou começar suas relações sexuais dentro do que conhecemos hoje por “adolescência”, e não seria considerado um problema social, isso começa a modificar com o processo de modernização, onde esses fatores podem ser considerados crimes ou um descaso da sociedade.

Quanto mais complexas e heterogêneas as sociedades, mais elemento tem para se considerar a fim de compreender um fenômeno social, como a adolescência. Assim, são várias as especificidades e serem consideradas se queremos decifrar as experiências adolescentes na sociedade contemporânea (SOUZA et al, S/D, p.21).

Essas inúmeras mudanças trazidas com o tempo transformam também a modificação na personalidade dos indivíduos e na formação da base social. Adolescentes são formados dentro de suas relações sociais de convívio, o que pode acarretar na mudança destes enquanto futuros adultos.

2.3A sexualidade como problema social

O sexo nem sempre foi tratado como uma forma de prazer, nas sociedades antigas, esse era visto como um problema, na qual as pessoas deveriam se resolver perante suas vontades é o que Foucault vai chamar de hipótese repressiva, ou seja, aquela que reprimia as vontades e os desejos sexuais, sendo vista como modelo procriador para os burgueses.

Século XVII: seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível (FOUCAULT, 1984, p.21).

Comprova-se uma sexualidade reprimida, onde simplesmente falar de sexo se torna um fato opressor, esse passa ser visto como fora dos limites e um problema a ser enfrentado pela sociedade dos burgueses, já que está ainda não está liberta por completo dessas opressões.

Buscar uma liberdade de expressão nesse momento seria uma longa jornada a ser conquistada, uma vez que a circulação de discursos sobre o mesmo era banido do meio social, era preciso deixar as pessoas desorientadas sobre tal situação, para que elas não sentissem seus desejos e não soubessem explicar tais sentimentos.

Quando finalmente essa sociedade se vê obrigada a aceitar novas coisas, ela simplesmente limita as sexualidades inautênticas a posições lucrativas, que possam a beneficiá-las. Uma vez que as energias usadas nos prazeres, poderiam servir como lucro de trabalho.

Foucault vem destruir esse modelo de pensamento construído no século XVII, trazendo para a população um novo formato de hipótese, onde ele mostra que nem tudo deve seguir determinada escolha ou caminho, pois existem outras formas de pensamento e verdade que influenciaria na vida dessa sociedade no século XVIII.

Os novos discursos construídos causam uma reprodução de novos pensamentos, através das instituições formadoras (Igrejas, escolas, família), essas que pretendiam ter um controle sobre os indivíduos, acabam por estimular o aumento e entendimento sobre o sexo.

A partir desse momento o sexo passava a ser ligado como uma questão política, pois era preciso se falar do “sexo”, como algo legível que precisava ser introduzido nas sociedades para ser conveniente a todos.

No século XVIII o sexo se torna questão de “polícia”. Mas no sentido pleno e forte que se atribuía então a essa palavra — não como repressão da desordem e sim como majoração ordenada das forças coletivas e individuais: “Fortalecer e aumentar, pela sabedoria dos seus regulamentos, a potência interior do Estado e, como essa potência consiste não somente na República em geral, e em cada um dos membros que a compõem, mas ainda nas faculdades e talentos de todos aqueles que lhe pertencem, segue-se que a polícia deve ocupar-se inteiramente desses meios e fazê-los servir à felicidade pública (FOUCAULT, 1984, p.27-28).

Segundo Foucault, quando as pessoas começam entender sobre sexualidade, entende-se que as essas passam a ter identidade própria, ou seja, é nesse momento que se começa a entender sobre as relações sexuais entre os indivíduos.

No cerne deste problema econômico e político da população: o sexo; é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecunda ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas — desses famosos “segredos funestos” que os demógrafos, na véspera da Revolução, sabem já serem conhecidos no campo. É verdade que já há muito tempo se afirmava que um país devia ser povoado se quisesse ser rico e poderoso. Mas é a primeira vez em que, pelo menos de maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo (FOUCAULT, 1984, p.28-29).

Nesse momento a sociedade se preocupava em como usar seu sexo, já que dinheiro e futuro precisavam formar um conjunto de formação social, em que visasse ter novos horizontes e uma sexualidade estável, ou seja, sexo e economia se tornam unicamente útil para os indivíduos.

As sexualidades são construídas socialmente, ou seja, quando uma sociedade dá sua explicação ela funcionara como uma forma de verdade para tal afirmação, assim como funcionou com a “hipótese repressiva”, pois cada qual aceita a verdade que lhe cabe.

A sociedade atual também é uma forma de “repressão”, não se pode falar em sexo tão abertamente quanto se parece, nas famílias tradicionais, por exemplo,

ainda é um tabu, ou seja, o sexo só é aberto quando convêm, quando se entra no fator econômico, as pessoas ainda são reprimidas por manterem seus desejos sexuais e decorre desse fator que o Brasil é um dos países que mais mata homossexuais no mundo, certamente por manterem seus prazeres sexuais, isso incomoda a sociedade. Então não pode se cair por terra a “Hipótese Repressiva”, pois ela servira como modelo para uma revolução sexual.

2.4 O controle sobre o corpo da mulher

Para entender a identidade dos indivíduos é necessário que se entenda primeiro como esses usufruíam de seu corpo, o futuro passou a ser construído ao redor de como cada qual se utilizava do seu sexo, ao se imprimir os perigos sobre o sexo através de estudos feitos, começa a estimular o poder em torno desse “sexo” que se faz importante para a construção da sociedade desde então, e na formulação dos pensamentos e da identidade.

É através do corpo que todo esse processo pode acontecer, por muito tempo ele foi reprimido, sem ser considerado como objeto de construção social e cultural, enquanto o corpo pode representar inestimável valor dentro do imaginário social. Segundo Bourdieu (1983) o corpo é a objetivação menos irrefutável do gosto de classe. Pois é nele que as manifestações sexuais do prazer se fazem presente, para Foucault (1984) pela primeira vez, sem dúvida, uma sociedade se inclinou a solicitar e a ouvir a própria confiança dos prazeres individuais.

Com o processo de modernização começam a surgir às dúvidas e discursos de preconceito, onde começa a visar o físico corporal, e as problemáticas na qual ele passa, a mulher passa a ser vista como aquela que luta por direitos nos quais lhe garante o controle de usufruir de seu corpo.

O lugar da mulher na sociedade passa a ser questionado, qual espaço e dispositivo que essa ocupa. Uma vez que uma sociedade patriarcal precisa referenciar o controle sobre a mesma e como esta deve se comportar dentro da comunidade é de profundo interesse se encontrar os vestígios sociais.

“O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam” (FOUCAULT, 2011, p. 246,).

Percebe-se que o controle pelo poder de dominar é sempre presente perante as sociedades, a questão do domínio do corpo do outro é algo que rege e prevalece sobre os indivíduos, construindo assim no cotidiano “um jogo de poder”, que através disso se entende o labirinto dos desejos de influência da mesma.

2.5 A gravidez como problema: Diferentes concepções sobre gravidez, a partir de fatores socioeconômicos

A gravidez é algo natural das mulheres, para o desenvolvimento social de cada família, que ocorre desde as épocas mais remotas até os dias atuais para o desenvolvimento humano, mas devido aos módulos impostos pela sociedade isso passa a ser cada vez mais visto como um problema social, principalmente naquelas famílias que mais sofrem financeiramente. Entendo que a mulher deve ter o direito de escolha se pretende engravidar ou não.

O problema de uma gravidez “não desejada” pode acarretar várias consequências tanto para a mulher, quanto para a criança, além de ser um grave problema social que merece atenção para ser entendido. Sabendo que está é uma etapa importante na vida das mulheres e de muitas transformações é necessário entender que as mesmas estão preparadas para assumir tal responsabilidade.

A gravidez indesejada é também um problema de gênero, já que são as mulheres que sofrem “na pele” as consequências de prosseguir com uma gestação não planejada ou as mazelas da interrupção forçada de uma gestação involuntária. Especialmente são as mulheres pobres que mais sofrem com a gravidez indesejada, pois elas, na sua grande maioria, não possuem acesso às informações e aos métodos contraceptivos adequados para evitar ou remediar a concepção fruto do intercurso sexual realizado sem finalidade generativa ou então de um coito forçado em situação de violência (ALVES, 2010, on-line).

Os fatores econômicos ganham um forte papel na construção do meio social, em especial na formação do indivíduo, como as mulheres que não ganham o direito de escolha perante a gravidez indesejada, ou seja, não podem usar seu corpo como deseja, já que a sociedade se opõe a este momento, o que se torna um caso de estudo e conhecimento público.

Em termos econômicos, a gravidez indesejada pode prejudicar toda uma família, dificultando a mobilidade social ascendente, pois as mulheres são o maior elo de ligação entre as gerações, uma vez que elas são fundamentais para o cuidado das crianças e dos idosos, em especial, nas famílias

monoparentais femininas. A gravidez indesejada prejudica a mulher e a sua família de três maneiras: a) quando a mulher busca interromper a gravidez de maneira insegura resulta em maiores mortalidade e morbidade maternas; b) uma prole maior do que a desejada significa menores recursos materiais e culturais para ser dividido entre um maior número de descendentes; c) maior número de filhos, especialmente os indesejados, muito provavelmente está associado à maior mortalidade infantil (ALVES, 2010, on-line).

São várias as premissas que ganham relevância no contexto social e cultural, essa última merece destaque já que é uma das construtoras nesse processo de busca e reconhecimento dos direitos, uma vez que ela carrega todas as crenças de um povo e tradições.

A fase da gravidez na adolescência é outro fator que gera preocupação para a sociedade, ela é vista como um problema na atualidade, onde esses jovens deveriam viver sua vida sexual sem preocupações, sabendo que viver de forma intensa pode causar futuros danos na autonomia desses mesmos futuramente.

O cenário da gravidez na modernidade causa problemas psicológicos e afetivos nas relações construídas, uma vez que essa “gravidez” é bastante julgada, perante a comunidade familiar e até mesmo no meio que estejam inseridos.

Ainda que a ocorrência de uma gravidez na adolescência já tenha sido considerada um evento comum e até mesmo esperado em décadas passadas, atualmente, é concebida como problema de saúde pública, o que tem mobilizado tanto a sociedade civil como os trabalhadores e pesquisadores da área da saúde a conhecer as causas de sua ocorrência. Assim, persiste uma concepção generalizada que a relaciona exclusivamente à pobreza e à exclusão social, ora tidas como causas, ora como consequências da gravidez na adolescência (HOGA et. al, 2010, p.152).

Os conflitos causados nesse momento englobam uma série de questões, sendo uma delas, o relacionamento entre o casal, que pode acontecer de maneira precoce, consistindo na formação de comportamentos complicados. Esse momento precisa ser assistido de perto pela família e na construção maternal de modo responsável pela adolescente.

A família se torna nesse momento o auxílio principal na transformação social e na evolução da personalidade, nas várias fases passadas ao longo dos tempos, o caráter é construído historicamente, formando uma teia de relações, a ação individual desenvolve uma relação social.

2.6 Novos contornos da família na contemporaneidade

As mudanças na modernidade causaram grandes transformações nas famílias contemporâneas e com isso as sociedades passam por constantes alterações, sejam elas na sua estruturação ou na sua base de formação, tendo um processo bastante frenético, que se altera constantemente.

“Ao longo do século XX, houve uma grande transformação da sociedade brasileira e, com ela, também as famílias foram se transformando de modo cada vez mais acelerado” (SOUZA et al, S/D).

As famílias atuais são atingidas por fatores que mechem na sua organização como a conexão que liga os membros familiares e seu modo de vida, essas transformações podem ser que sejam um problema ou novos conjuntos de valores para a população, que precisam ser aprendidas dia após dia, como novos rótulos impostos por essa modernidade que modifica cada membro familiar.

A Constituição Federal da República Brasileira (1988, p.1) conceitua família em seu art. 226, a saber: “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. Ela é o suporte para se constituir uma personalidade de cada indivíduo, mas tendo uma diversidade de proporções familiares, se tem um cenário diversificado dentro da sociedade.

Desse modo, o desenvolvimento da pessoa tem relação com o lugar ocupado por ela na família e os processos culturais mediados pelas atividades e significados que circulam no ambiente familiar. Entendemos que a família é um sistema complexo, composto por subsistemas integrados e interdependentes, que estabelece uma relação bidirecional e de mútua influência com o contexto sócio-histórico-cultural, no qual está inserida (DESSEN E BRAZ, 2005, p.22).

Com as várias evoluções que a sociedade passa, é inevitável que os laços se modifiquem, dentro dessa nova configuração que se observa, percebe-se o surgimento de uma nova concepção de família, onde essa se torna a vigor de uma solução para esses.

Quando olhamos ao nosso redor, podemos perceber que estamos vivendo transformações importantes no interior das famílias e nas relações sócio afetivas, que afetam a intimidade das famílias. A maior expectativa de vida e melhor situação de saúde dos idosos, em alguns casos, compromete as famílias no cuidado dos mais velhos; em outros, pode converter avós em cuidadores dos netos, enquanto os pais trabalham, e, até mesmo, em

principais provedores materiais das famílias com a renda da aposentadoria, diante do desemprego dos demais membros da família (SOUZA et al, S/D, p.32).

O entendimento de família que se tem atualmente pode ser entendido de diferentes formas, sejam aquelas famílias de sangue ou não, o conceito familiar já não é unicamente aquele que prevalecia na antiguidade, reconstituindo assim diferentes visões e formas de pensamento.

Entendemos, na perspectiva sociocultural, que é possível encontrar dinâmicas familiares protetoras e educadoras, independentemente da situação econômica familiar ou do arranjo de seus membros. Se nós desejamos compreender a relação entre o desenvolvimento dos adolescentes e o atendimento socioeducativo, nos dias atuais, é necessário criticar profundamente o mito de qualquer configuração familiar que não seja a da família nuclear burguesa seja uma "família desestruturada" e, portanto, nociva para os adolescentes que a integram. Desse modo, estimulamos todos a assumir visões mais plurais e flexíveis sobre as inúmeras possibilidades de arranjos familiares (SOUZA et al, S/D, p.33).

Desde o século XX, as transformações que aconteceram atingiram o íntimo das famílias e estabelecem importantes modificações, exigindo variações no seu contexto social e afetivo, é importante ressaltar que o fator econômico também se faz presente na constituição emocional dos indivíduos.

“A instabilidade econômica pode converter-se em instabilidade emocional, levando os sujeitos a um estado contínuo de vulnerabilidade psíquica, traduzida em ansiedade, ambiguidade e incerteza” (SOUZA et al, S/D).

As dificuldades dentro das famílias fazem com que elas aumentem sua vulnerabilidade, ou seja, a carga emocional e o grau de complexidade que isso atrai, faz com que as famílias se desestabilizem perante aos gastos enfrentados e o papel social que cada qual desenvolve no ambiente familiar.

A família ocupa o lugar decisivo no processo de constituição, estabelecendo vínculos e participando ativamente na formação dos indivíduos, é através dela que são estabelecidos os valores afetivos e sociais que são construídos ao longo da vida, ela também estabelece um papel decisivo na tarefa da busca pela continuação familiar, ou seja, na reprodução de forma que este saiba fazer escolhas nesse processo.

A relação familiar já passa a ganhar papel de importância na comunicação e construção de sujeito, enquanto ser de procriação no âmbito constituinte, aquele que

atua diariamente no fator desenvolvimento e que liga a sociedade as famílias, para uma construção de favorecimento.

A modernidade líquida segundo Bauman (2001), onde tudo se modifica a todo o momento, causa mudanças rápidas e profundas na sociedade, fazendo com que as relações sociais sejam construídas de forma transparente e distante ao mesmo tempo. As relações familiares e a afetividade são substituídas pelo progresso tecnológico, onde isso exerce uma série de modificações na personalidade das pessoas. Elas passam a serem cada vez mais individualistas, esses se consideram a partir desse momento como ser livre de tudo aquilo que o prende.

Esse passa a ser o novo modelo de família, onde o que se busca é a evolução, não importando o caminho que se tenha para chegar a determinado fim, se estrutura novas formas de pensamento e surge o conceito de um novo “sujeito”, que busca suprimir suas necessidades dentro dessa modernidade.

É de suma importância estudar a gravidez e se entender todo o contexto histórico que a envolve, dando ênfase na construção da infância e juventude como fatores primordiais de desenvolvimento para a construção da família contemporânea, dessa forma é preciso mostrar os padrões impostos pela sociedade desde muito cedo.

3 PENSAMENTO SOBRE GRAVIDEZ: UMA ANÁLISE COM ADOLESCENTES DE 15 E 16 ANOS

A adolescência segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) é definida como sendo o período da vida que começa aos 10 anos e termina aos 19 anos completos, sendo um período de mudanças e transformações, tornando-se a passagem da infância para a vida adulta. Neste momento, são vários conceitos inseridos para tentar entender o que é a “Adolescência”, entre elas as mudanças psicológicas, biológicas e a capacidade de reprodução, o que define uma identidade cada vez mais consistente.

Sabendo que as relações nessa fase da vida são confusas e as mudanças são constantes, tudo que está ao redor dos adolescentes pode ser afetado diretamente, tanto no comportamento quanto nas transformações individuais e no grupo que os mesmos estão inseridos. Para Oliveira:

O desenvolvimento humano é um processo global e contínuo de transformações da pessoa e de seu grupo. Esse processo se inicia antes mesmo do nascimento, naquele momento em que a pessoa passa a existir para seus pais como um projeto de futuro. Tudo aquilo que está no entorno de um ser em desenvolvimento afeta a dinâmica de suas transformações ao longo do tempo: as pessoas, os significados culturais, o momento histórico, as experiências pessoais e sociais, as oportunidades positivas e também os riscos. Esses fatores influenciam, em maior ou menor grau, o desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social de crianças e adolescentes (OLIVEIRA, 2016, On-line).

Geralmente é preciso que os adolescentes sejam informados a respeito da sexualidade dentro de suas casas, quando não encontram tais respostas no meio familiar, buscam esclarecimento em outros meios de comunicação, como a internet, grande parte nas redes sociais, através da televisão em programas, entre os amigos da mesma idade, o que nem sempre traz notícias coerentes ou confiáveis. Com isso, na adolescência, a vivência da sexualidade torna-se mais evidente, muitas vezes, manifesta-se através de práticas sexuais inseguras, podendo se tornar um problema devido à falta de informação, tabus ou mesmo pelo medo de assumi-la (CAMARGO e FERRARI, 2009). Entretanto, os jovens precisam saber serem críticos com as informações que chegam até eles, visando sempre à verdade e a veracidade dos conteúdos recebidos.

Os resultados desta pesquisa estão pautados em entrevistas abertas, primeiramente com quatro adolescentes que conviveram com estas jovens, seja no

ambiente escolar ou fora dele de uma determinada escola ¹do município de Grajaú-Ma, que se disponibilizaram a falar da gravidez na adolescência na cidade e sobre o perfil das meninas que os mesmos puderam conhecer e conviver. Assim, os entrevistados estarão identificados com nomes que os mesmos escolheram, sendo possíveis “nomes” de seus filhos no futuro.

Desse modo, os entrevistados foram questionados se todos conhecem ou conheceram adolescentes que foram mães entre 13 a 18 anos de idade; todos responderam que sim. Assim, observe o discurso dos entrevistados segundo o questionário proposto para eles:

Conheci algumas e estudei com algumas delas e estudo com uma (Iolanda, 16 anos).

Conheço, eram meninas com comportamento estranho (Denise, 16 anos).

Sim, conheci algumas (Arthur, 15 anos)

Conheci, eram garotas normais como todo mundo (Evelyn, 16 anos)

É possível observar que os adolescentes entrevistados têm perspectivas diferentes a respeito da gravidez, logo de início duas das entrevistadas colocam o comportamento dessas grávidas de maneira oposta, uma usa o termo “estranho” para explicar como era essa jovem no momento que a conheceu já a outra, que passou por essa entrevista, também diz que “eram garotas normais” tentando explicar os hábitos dessas jovens.

Assim, a pesquisa continua e diante da pergunta se a gravidez precoce mudou o comportamento dessas meninas? Eles respondem:

Mudou, porque ela se isolou muitas dessas que conheci, em alguns casos elas chegaram a ter depressão, não queriam sair, acho que tava com medo da sociedade que restringe muito as mesmas (Iolanda, 16 anos).

Elas agiam estranhas, se afastavam dos amigos e ficavam mais depressivas, porque uma gravidez muda por completo a vida das pessoas, porque é preciso de meios econômico, precisa largar a escola, precisa fazer várias mudanças na vida (Denise, 16 anos).

Sim, o comportamento delas entre antes e depois mudou completamente, devido o preconceito a rejeição da sociedade, para os estudos, muda totalmente psicologicamente, fisicamente, tudo influenciou na vida delas (Arthur, 15 anos).

Muitas meninas eu conheci já no período da gravidez, no período do meio para o fim. Tem duas meninas que conheci e que posso citar muito bem essa mudança de comportamento, uma eu conheci no nono ano e outra no primeiro ano do ensino médio. Essa do nono ano apesar de aceitar a

¹ O nome da escola será preservado para garantir o anonimato e segurança dos adolescentes que foram entrevistados nesta pesquisa.

gravidez dela, ela se sentia bem mais fragilizada, porque tinha toda aquela questão de um dia ela não está se sentindo bem apesar de tá querendo estudar e tudo mais, e a gente apoiou muito ela e isso foi bom para a gravidez dela, para ela se sentir mais confortável com essa situação, porque ela não teve o apoio do pai da criança e isso mexeu muito com o psicológico dela, sobre ter um filho e não ter ninguém ali apoiando, e a gente fez chá de bebê e tudo mais, foi uma gravidez que foi boa de acompanhar. Já no primeiro ano, essa menina engravidou, a mãe dela estava apoiando ela, só que ela perdeu o bebê e isso pra ela foi devastador, e o fato dela ser adolescente não impedia o desejo dela ser mãe, sempre foi o sonho dela e a gravidez não destruiu a vida dela como muitas vezes é visto (Evelyn, 16 anos).

Diante do que foi mostrada, a gravidez certamente mudou o comportamento dessas jovens, seja por um contexto psicológico ou social, porque a tarefa de amadurecer e encarar esses novos contornos sociais se torna cada vez mais difícil. Para Abramovay (2004), a problemática da gravidez na adolescência costuma estar relacionada, ao abandono dos estudos, e a entrada prematura no mercado de trabalho geralmente informal, acarretando em especial a reprodução da pobreza.

Perguntados como a gravidez foi enfrentada por essas meninas? Eles respondem:

Com muita dificuldade porque elas não tinham o apoio nem dos pais e nem da sociedade, porque a sociedade nos impõe que o correto é ter filho só depois dos 20 anos e casada, não pode ser mãe solteira ou na idade que você tem, na adolescência e também foi um susto pra maioria, porque as mesmas nunca pensavam que ia acontecer isso e infelizmente grande parte acabou sendo restringida pelos pais, pela falta de apoio e compreensão, deixando as filhas com medo, não dando o suporte necessário (Iolanda, 16 anos).

Com dificuldades, porque algumas não queriam, mas tiveram que ir até o fim e outra perdeu o bebê (Denise, 16 anos).

Difícil, porque há rejeição, o preconceito, esse tipo de coisa sabe, elas não estavam preparadas pra sofrer esse tipo de coisa, principalmente na idade delas (Arthur, 15 anos).

É complicado, porque uma gravidez ela muda o corpo e principalmente o comportamento dessas meninas, muitas pessoas vão parar de falar com elas no momento que descobrir que elas estão grávidas (Evelyn, 16 anos).

Portanto, a gravidez é um processo de mudanças que precisam ser encaradas de maneira adulta, com um olhar de responsabilidade para essas novas transformações. Pois como afirma Martins (2005), a gravidez precoce de um adolescente limita sua educação, restringe sua força de trabalho e pode reduzir sua qualidade de vida. E as mulheres são as que mais sofrem desse processo, porque

quando se tem filho cedo à chance de ingressar numa profissão se torna muito mais difícil.

Sobre as meninas continuarem estudando, foi respondido:

A maioria foi até a metade, porém do meio por fim tiveram que sair, por conta que a barrica já tava grande e isso começa a atrapalhar elas, sentindo desconforto e foram acabando por sair da escola, o isolamento também é outro fator que contribui pras meninas saírem de dentro da escola, o olhar preconceituoso que vai restringindo, fazendo com elas sintam vergonha por aquilo que fizeram, porém isso não deveria acontecer já que pode ocorrer com qualquer um, a escola também deveria ajudar mais essas meninas fazendo planejamento e mostrando que isso tudo é normal e um tabu que precisa ser quebrado e isso pode acontecer, pode ser com teu filho, irmão ou colega, a gente nunca vai saber (Iolanda, 16 anos).

Essas que eu conheci, não, elas largaram no sexto mês de gravidez. Muitas grávidas largam a escola por vergonha, outras porque acham que não vai mais acrescentar em nada por causa da criança, a escola deveria ensinar como lidar com isso em meio à sociedade (Denise, 16 anos).

Não, primeiramente elas pararam de estudar devido ao filho, porque elas viram que não iam conseguir ter o filho e estudar ou mesmo manter a mesma rotina de sempre, devido elas tá grávida, ter enjoou, dores, essas coisas todas, mas também tem o preconceito, porque a sociedade atualmente tem um olhar diferente pra esse tipo de menina, já pensa que elas são irresponsáveis e a família também que não apóia, o pai da criança que não assume então isso vai contribuindo. Os colegas de escola também são muito preconceituosos, já olham pra menina e dizem: Saí de perto dessa menina aí, ela tá grávida. Como se ela tivesse feito algo de errado sabe ou como se ela fosse doente, todo mundo vai se afastando e a menina vai sentindo aquilo (Arthur, 15 anos).

Sim, a primeira menina teve certo repouso em casa, mas logo voltou e mesmo assim ela fazia todas as atividades em casa. Já a outra menina teve um pouco de sorte, porque a gravidez dela terminou junto com o ano letivo, então isso não atrapalhou ela. Então sim, as meninas continuaram estudando (Evelyn, 16 anos).

Assim, grande parte dessas adolescentes acaba desistindo dos estudos devido aos problemas que elas encontram no seu caminho, as poucas oportunidades que as mesmas recebem durante esse momento vivido por elas, a falta de apoio dos familiares e amigos. Assim os jovens conseguem trazer para a discussão aquilo que é visível no dia a dia deles, porque segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), 75% das adolescentes que têm filhos estão fora da escola ou desistem dela durante esse percurso.

Dando continuidade a pesquisa, foram perguntados como descreveriam uma gravidez na adolescência e responderam da seguinte maneira:

Eu descrevo como uma tristeza, pois tem várias formas de se prevenir isso, e tem parte de culpa da escola, da sociedade e dos próprios pais que não te

orientam na relação sexual. Principalmente os pais que enxergam isso como um tabu em pleno século XXI, é mais fácil conversar e prevenir do que deixar acontecer a gravidez (Iolanda, 16 anos).

Conturbada, cheia de preocupações, porque tanto na parte dos pais que tem que assumir, quanto dos pais da criança que aconteceu isso (Denise, 16 anos).

Na adolescência, eu considero um choque de realidade, porque devido à adolescência ser mais brincadeira, estudo e essas coisas de jovens mesmo, não uma gravidez, porque os jovens eles não estão pronto, para essas coisas do dia a dia que acontecem, tipo esse choque na realidade deles (Arthur, 15 anos).

É um momento de transformação, muitas vezes negativa, mas tem vez que é positiva porque devemos lembrar que hoje em dia na nossa situação atual sociedade, muitas mulheres amadurecem cedo, então a capacidade de reagir a uma gravidez na adolescência está melhor, mas também devemos lembrar que é um momento em que nosso corpo está em transformação ainda, não atingimos ainda a nossa fase adulta tanto mentalmente, quanto fisicamente e isso vai afetar se você estiver fazendo faculdade, se estiver no ensino médio ou o próprio fundamental como eu já falei anteriormente vai afetar muito, porque isso vai fazer parte da vida durante todos os dias e que muda seu futuro (Evelyn, 16 anos).

Do ponto de vista dos entrevistados a gravidez se torna um choque de realidade para as adolescentes, onde essas jovens precisam amadurecer cada vez mais cedo, para que possam lidar com os obstáculos encontrados no seu caminho. Esse momento de transformação precisa ser lidado de maneira adulta, pois essas adolescentes estão em fase de crescimento psicológico e corporal, qualquer problema maior pode abalar profundamente essas jovens e afetar o desenvolvimento delas como pessoa. É dever de a sociedade acolher essas “meninas em fase de amadurecimento” e nunca subestimarem o poder que elas têm de construir seu próprio destino.

A outra questão colocada para os adolescentes entrevistados foi se essas adolescentes teriam condição para criar um filho, seja pelo fator idade, psicológico entre outros e os mesmos responderam:

Tem e não tem, porque meninas de 13 a 16 anos ainda estão em desenvolvimento corporal, emocional e social, então a sociedade não está preparada para acolher essas meninas, o que se espera delas é sempre um futuro promissor (Iolanda, 16 anos).

Não, porque a maioria dessas meninas, não tem renda e é mais por isso que elas procuram outros meios (Denise, 16 anos).

Psicologicamente e financeiramente. Financeiramente, não é um problema, porque atualmente qualquer pessoa pode trabalhar, tem também as ajudas do governo o bolsa família, ajudam assim nesse tipo de coisa, mas psicologicamente, não, porque a primeira coisa que a adolescente pensa quando tá grávida é no aborto, eles já pensam logo no aborto, mas tem a dúvida de abortar ou não, sempre existe essa dúvida. A sociedade também não deveria olhar pra essas meninas com olhar de desprezo, deveria se

preocupar com esse tipo de situação, a pessoa não sabe o que essa menina passou, o que ela tá passando, então a sociedade deveria acolher, porque elas não são doentes, são pessoas normais igual todas as outras (Arthur, 15 anos).

Como eu disse tudo depende de como a pessoa vive no seu íntimo, na sua casa, se é com seus pais ou com o namorado, e como esses relacionamentos são construídos, então isso varia muito, porque a pessoa em si pode estar preparada para viver esse momento que é a gravidez que vai mudar tudo, mas também não pode estar tendo o apoio necessário, como geralmente acontece então isso acaba sendo uma coisa que não é flexível e estável para elas, então fica difícil saber (Evelyn, 16 anos).

De acordo com os entrevistados, a maioria dessas adolescentes que engravidam e são mãe cedo ainda não estão preparadas para assumir tal responsabilidade, seja no seu íntimo ou no seu psicológico, são os fatores que mais tornam as jovens vulneráveis. O processo de crescer depende de inúmeras circunstâncias, mas impõe a essas jovens uma vida que muitas vezes é carregada de arrependimento, principalmente quando estas se submetem a relações abusivas com seus parceiros.

É preciso enfrentar com serenidade o fenômeno da gravidez na adolescência, afinal estamos lidando com pessoas e sentimentos, ter um olhar flexível para lidar com essas jovens e com as situações que as rodeiam, sabendo que estas garotas não podem ser inferiorizadas dentro da sociedade ou estarem submersas a homens por sua condição vivida.

A outra questão colocada para os entrevistados foi sobre a relação das adolescentes com seus companheiros e se estes assumiram a responsabilidade de se tornar pai, os entrevistados responderam da seguinte maneira:

Muitas não contam que estão grávidas, por medo de serem largadas, outras fazem a prática do aborto ou quando contam os meninos acabam deixando elas como um ato de irresponsabilidade. Um colega meu de classe assumiu a responsabilidade dele, porém não vejo afetividade dele com a companheira e nem com a criança (Iolanda, 16 anos).

Uma delas não contou para o pai da criança, porque ele já tava envolvido com outra garota e ela ficou com medo de atrapalhar a vida dele e da outra menina que eu conheço ela falou para o pai, mas ele não quis assumir (Denise, 16 anos).

De todos que eu conheço, nenhum assumiu a responsabilidade, tipo tem uma que eu conheço que o cara já tava com outra quando a menina saiu grávida, mas ele ia lá falar com a menina, levava as coisas pra ela, acompanhava o pré-natal, mas assumir, morar junto, essas coisas não (Arthur, 15 anos).

Não, o problema que muitas meninas que sofrem com uma gravidez na adolescência é de namorar pessoas/meninos que não estão emocionalmente maduros, por mais que os dois saibam que correm o risco de acontecer uma gravidez, as meninas entram num relacionamento mais

preparadas para enfrentar os obstáculos, mesmo que não seja um relacionamento fixo, então elas são mais conscientes das conseqüências, já os meninos se desesperam e nem são eles que vão carregar uma criança consigo e eles acabam ficando com medo do que pode acontecer com eles e começam a destratar a namorada ou ficante e 99% deles não tem como manter uma criança, nem a namorada, ou seja, o maior problema não é nem tanto as meninas, mas sim essa falta de apoio por parte dos companheiros, essa falta de atenção de alguém que deveria estar do teu lado nesse momento (Evelyn, 16 anos).

Os companheiros nem sempre assumem a responsabilidade de serem pais, deixando as adolescentes completamente sozinhas, as mesmas de início não querem contar sobre sua gravidez, devido ao choque de realidade que é imposto sobre a vida delas e o medo de serem abandonadas pelos seus parceiros. Dessa forma, acabam assumindo a responsabilidade de serem mães solteiras ou até mesmo acabam tomando atitudes mais trágicas, que afetam suas vidas intensamente para sempre.

Assim, Heilborn et al. (2002, on-line), afirma:

Em contraste com o padrão mais estável, previsível e seqüencial do namoro, o ficar, além de não envolver compromisso entre os parceiros, funda-se na imprevisibilidade: ele pode resumir-se a um encontro (com ou sem ato sexual) ou desembocar em um namoro. O ficar radicaliza a imprevisibilidade e a intermitência que caracterizam as relações sexuais juvenis. Esta modalidade de relacionamento parece comprometer, ainda mais, o exercício da decisão feminina no que diz respeito à contracepção e à prevenção, tendo em vista a pouca intimidade entre os parceiros, cujas repercussões são agravadas em um cenário regido pela lógica assimétrica de gêneros. Esses impasses são reforçados pela atitude dos homens (que encontra expressão modelar entre os de classes populares), que, diante de parceiras fortuitas, encaram a contracepção como um problema feminino, mas reservam para si a palavra final quanto ao uso da camisinha.

Dessa forma, as relações modernas são contribuintes muitas vezes para esse processo de amadurecimento na personalidade das jovens, enquanto as relações sexuais se iniciam cada vez mais cedo de relacionamentos imaturos. Isso pode contribuir profundamente em uma gravidez não planejada com parceiros inseguros e que não querem assumir tal responsabilidade para si. Essa falta de intimidade entre os parceiros gera “desconfiança” para os jovens e estes acabam culpando as jovens por essa gravidez indesejada.

Os adolescentes são perguntados se assumiram a responsabilidade materna e paterna na idade deles e dizem:

Eu acho que não, pois eu não sou preparada, tive uma criação que me ensina que devo engravidar só depois de casada ou de certa idade, então se isso viesse a acontecer comigo, não saberia o que acontecer, pois eu já seria bastante julgada pela sociedade, que sempre quer algo a mais de mim, então como eu mesmo digo, a gente deve pensar não só no presente mais também no futuro, então eu digo que não estou preparada para ser mais aos 16 anos (Iolanda, 16 anos).

Acho que sim, mas eu iria morrer (risos) ia pensar nos meus pais, seria uma grande decepção para eles, principalmente para minha mãe que ia ficar decepcionada, mas acho que eles iam aceitar e conversar comigo e me apoiar (Denise, 16 anos).

la ser tipo um choque de realidade, eu ia cair na real, mas eu ia assumir, eu não ia tipo simplesmente abandonar a menina numa hora dessas, porque querendo ou não é uma responsabilidade, é uma vida, é pra sempre, provavelmente eu ia assumir, ia cuidar da menina, ia pegar na mão, ia andar de cima pra baixo com ela, ia levar no hospital, ia fazer de tudo, mesmo que minha condição financeira não fosse pra isso. E minha mãe mais meu pai com toda certeza não iam me deixar na mão, eles não iam virar as costas pra mim nesse tipo de situação, porque eles sempre me orientaram para esse tipo de coisa e sempre me perguntam se preciso de dinheiro para comprar os preventivos (Arthur, 15 anos).

Bom eu ficaria um pouco histérica (risos), porque não é toda dia que a gente vai receber esse tipo de notícia ou passar por tal situação, então eu sei que isso mudaria a minha saúde, a minha vida, porque eu estou no segundo ano do ensino médio, então eu não saberia dos problemas que iria enfrentar, se eu terminaria os estudos, mas de certa forma eu acredito que no meu íntimo eu saberia lidar com isso de uma forma responsável, apesar da minha família que iria ser contra e não ia me apoiar, mas de acordo com meu relacionamento eu saberia lidar com isso, mas existe toda uma sociedade que me julgaria, com olhos totalmente diferente, não ser aceita num emprego porque as pessoas não querem uma mulher que engravida cedo e vem todos os rótulos impostos pela sociedade (Evelyn, 16 anos).

Os adolescentes entrevistados são convidados a se colocarem no lugar das jovens que são mães ou dos jovens que são pais no período da adolescência e respondem como se fossem viver este momento, todos fazem comentários já pensando no julgamento da família, da sociedade e amigos, e como isto afetaria profundamente suas vidas e nas suas formações como pessoas.

Apesar disso, nem todos respondem como se fosse assumir tal responsabilidade e com isso surge uma série de questões, como a criação dentro da igreja, onde eles acreditam que isso não irá acontecer com eles, colocando uma parcela de culpa nas adolescentes que passam por esta situação, a criação dos próprios pais que segundo eles pode impedir essas circunstâncias através de diálogos, todos esses fatores trazem à tona tudo aquilo que uma sociedade cobra para esses jovens desde a infância, tentando trilhar o caminho do certo e do errado.

Os entrevistados agora são perguntados se todos eles conhecem os métodos contraceptivos que impedem uma gravidez não planejada ou até mesmo as doenças sexuais e eles respondem:

Conheço minha mãe sempre tenta me levar no ginecologista e vou ao postinho e pego camisinha quando necessário tenho sempre muita informação sobre isso, e sobre aquilo que posso prevenir, sobre as doenças que podem ser causadas numa relação e a gravidez é o menor dos problemas se a gente for ver de fato, essas doenças podem ocasionar a morte (Iolanda, 16 anos).

Sim, minha mãe sempre conversa comigo, ela é muito aberta em relação a isso, já meu pai é totalmente fechado, mas converso com minhas amigas também, me sinto mais a vontade (risos). (Denise, 16 anos).

Sim, camisinha, injeção de um dia ou três, de sete meses, a pílula do dia seguinte, além de outras pílulas, tem também a camisinha feminina que é pouco conhecida. Lá em casa esse assunto sempre foi falado, eu sempre conversei com minha mãe, meu pai sobre isso, eles sempre me aconselharam muito nesse tipo de coisa (Arthur, 15 anos).

Sim, inclusive para evitar às doenças a gente só pensa na camisinha né, mas da gravidez em si, tem vários métodos que previnem como a injeção, o DIU, o adesivo, a famosa pílula do dia seguinte e tem o anticoncepcional que se toma durante o mês. Só que eu tenho consciência que esses métodos não são 100% seguros e mesmo a pessoa usando tudo certinho ela está correndo risco de engravidar e isso ajuda muito em uma gravidez na adolescência porque a pessoa acredita que tomando uma pílula do dia seguinte ou usando camisinha elas não correm risco nenhum de engravidar, coisa que muitas vezes acontece e acaba sendo devastador para a menina, porque quando você se cuida justamente para evitar esse tipo de situação acaba sendo muito complicado (Evelyn, 16 anos).

Segundo os entrevistados todos conhecem os métodos contraceptivos e dizem que costumam conversar sobre sexo com sua família, o que poucas vezes acontece, e isso acaba distanciando as adolescentes de seus familiares pela falta de diálogo. Para Brandão (2009), além da informação sobre métodos contraceptivos, outro fator que influencia a utilização ou não dos mesmos é o contexto familiar. A falta de diálogo sobre sexualidade e formas de prevenção de gravidez e DSTs. Os pais devem sempre conversar com seus filhos sobre sexo, isso não pode continuar sendo um tabu em pleno século XXI e fazer com que milhares de jovens continuem sem saber como devem se cuidar e acabarem tendo filhos indesejadamente.

Assim como a família a escola também detém um papel fundamental nessa discussão, ensinar os jovens a se comportar sexualmente e orientar estes para tentar evitar um colapso social, onde as jovens possam viver sua adolescência sem preocupações com uma gravidez não planejada, que saibam se cuidar para tomarem decisões corretas.

Os entrevistados foram perguntados se todos têm acesso aos métodos contraceptivos e disseram:

Ter acesso tem, mas a vergonha ou o medo de ser julgado é maior do que esse negócio de ter acesso e no postinho mesmo eles dizem que o remédio é mais procurado do que a camisinha, porque os jovens têm vergonha de pegar a camisinha e acabam que esses não a proteção necessária e usando de remédios que prejudicam o útero da mulher como a pílula do dia seguinte, podendo ocasionar até mesmo a morte (Iolanda, 16 anos).

Não, na maioria dessas meninas que eu conheço, uma delas o parceiro pediu para não usar o preservativo, porque para ele seria mais prazeroso, então ela tava correndo o risco não só de pegar uma gravidez, mas também outras doenças, porque a mulher vai ser a principal vítima (Denise, 16 anos).

Que elas têm acesso, elas tem, todo mundo tem acesso sempre em postinho, camisinha de graça, no carnaval tem sempre uma barraca de camisinha, qualquer festa que seja apoiada pelo governo tem sim sempre esse tipo de barraca, mas também que elas souberam usar, elas não souberam, porque sempre na relação sexual, no casal o menino vai pedir para não usar a camisinha, porque é mais prazeroso para ele, sempre tem isso (Arthur, 15 anos).

Ter acesso não 100%, mas a questão é mais saber onde encontrar, porque no próprio postinho de saúde eles dão camisinha, em lugares que fazem campanha de conscientização disso, eles também dão, diz qual é a necessidade, mas o que assusta a sociedade é o fato dela ir lá e pegar uma camisinha, porque falar de sexo é um tabu, a pessoa prefere ir morrendo de vergonha na farmácia comprar a camisinha muito cara que talvez nem funcione corretamente, do que ir lá ao postinho que é perto da sua casa, porque as pessoas vão olhar com uma cara de julgamento e não de como um adolescente consciente (Evelyn, 16 anos).

Para os entrevistados todos tem acesso aos métodos preventivos, o que impede que os jovens as usem, é não saber utilizar desses meios corretamente, é a vergonha de pegar a camisinha num postinho ou até mesmo por não querer usá-las sem saber dos riscos que ambos estão correndo, achando que é por puro prazer momentâneo.

O uso dos métodos contraceptivos é um direito que cabe a todos, sabendo que em algumas situações se não usado corretamente pode trazer alguns efeitos colaterais, por isso é sempre indicado que se busque um especialista para recomendar esse tipo de método, principalmente para os adolescentes que estão iniciando sua vida sexual. Segundo Brandão (2009), apesar da disponibilidade de informações, o conhecimento efetivo sobre as formas de funcionamento e de uso dos métodos contraceptivos parece ser insatisfatório.

Diante de todos esses fatores os entrevistados são perguntados se eles são a favor ou contra ao aborto e por quais motivos:

Eu sou contra o aborto, em todos os momentos, inclusive sou julgada por isso, pois como eu já disse existem os meios de prevenção exatamente para prevenir, pois você está matando uma criança inocente, porque eu acredito que desde a hora da fecundação já vai ter uma criança ali, tu já vai ta grávida e ali já surge uma vida, fui criada dentro de termos muito religioso que me ensinaram que esse é o maior dos pecados (Iolanda, 16 anos).

Eu sou contra, acho desumano. Porque se for por meio de um estupro eu concordo, porque a gente não é obrigada a aguentar esse tipo de situação, mas quando é por livre espontânea vontade, só porque a menina quer, eu sou contra, porque é obrigação sua criar a criança (Denise, 16 anos).

Tipo assim, eu sou contra quando ela faz aquilo só pra se livrar da criança, mas se forem caso de estupro, abuso ou algo forçado, nesse tipo de situação eu sou a favor, porque ninguém merece algo daquilo que foi forçado, ou seja, contra a parte dela (Arthur, 15 anos).

Eu sou a favor, porque a saúde é uma coisa que não pode ser julgada por uma pessoa que não vai viver aquilo, então existe abortos clandestinos onde a mulher sofre e as pessoas não entendem os motivos que elas estão passando para fazer aquilo, só conseguem ver o ato de matar quando não é exatamente assim, o aborto é uma escolha e não significa que toda mulher vai fazer isso por isso eu acho que deveria ser legalizado, por exemplo existe mulheres que sofrem abuso e mesmo assim resolvem ter esse filho, então quem tá vivendo de fora não pode decidir nada por mulher nenhuma (Evelyn, 16 anos).

É visível que dois dos quatro adolescentes entrevistados concordam com o aborto em casos extremos como o estupro, afirmando que o bem estar das mulheres que passam por esse tipo de situação deve sempre vim em primeiro lugar, sendo escolha delas terem uma criança ou não do abusador. Uma das entrevistadas é contra o aborto em qualquer tipo de situação, afirmando que não é culpa da criança a mulher está passando por aquilo, até pelos seus ensinamentos religiosos e uma das quatro entrevistadas é totalmente a favor do aborto, onde ela diz que é dever da mulher fazer suas próprias escolhas e ter o total direito sobre seu corpo, afirmando que a saúde pública da mulher não pode ser decidida por outros.

Dessa maneira, percebe-se que há uma diferença de pensamentos entre os entrevistados, onde cada um tem sua própria forma de reagir a determinadas situações globais como é o caso do “aborto”. No Brasil esse embate não é diferente e traz para a discussão uma série de questionamentos, no código penal de 1940 só é permitido o aborto quando não se pode mais salvar a vida da gestante ou em casos de estupro, todas as outras maneiras podem causar punição a quem fizer a prática, podendo levar até dez anos de prisão, tanto a mulher, quanto o médico ou responsável por aquele ato.

Na prática, apesar de a legislação brasileira não punir o aborto nos dois casos já citados, o acesso à interrupção da gestação enfrenta vários obstáculos. Durante muito tempo, apenas o aborto por risco de morte da

gestante era praticado em hospitais, enquanto as vítimas de estupro raramente eram atendidas nos hospitais públicos, o que as levava a recorrerem ao aborto clandestino (DUARTE et.al, 2010,p.2)

Embora seja permitida a prática do aborto no Brasil em casos extremos é possível a observação do descaso com as vítimas de violência, o que coloca em risco a vida de milhares de mulheres e o transtorno psicológico dessas. Nos países mais desenvolvidos o aborto já é visto como algo capaz de salvar a vida de muitas mulheres e de tirá-las dos transtornos emocionais. Como afirma Duarte et.al (2010), na maioria dos países desenvolvidos, a legislação permite o aborto para salvar a vida da gestante, preservar a sua saúde física ou mental, quando a gravidez resultou de estupro ou incesto, em casos de anomalia fetal, por razões econômicas ou sociais e por solicitação da mulher. Assim, esses países evitam o aborto clandestino, que conseqüentemente evita a taxa de mortalidade de mulheres devido ao aborto.

Os entrevistados são perguntados se conheceram adolescentes que fizeram a prática do aborto e respondem:

Conheci uma menina que tinha dezoito anos e ela não queria ter o filho, ela comprou um remédio e tomou, quase morreu e depois que tudo passou ela se arrependeu muito e sentiu a culpa e três meses depois ela engravidou de novo e sentiu aquilo como uma nova chance de recomeçar, eu mesma julguei muito ela por ter feito isso, pois acho muito errado, mas cada um sabe daquilo que faz (Iolanda, 16 anos).

Sim, conheci duas, uma não quis ter o bebê e tomou remédio e a outra por descuido abortou espontaneamente e perdeu o bebê (Denise, 16 anos).

Conheço sim, me falaram que foi totalmente doloroso para ela, porque é mistura de remédios que fazem mal para a mulher, além de ter pessoas que não se preocupam em fazer esse procedimento corretamente, então eu conheço sim meninas que já fizeram o aborto (Arthur, 15 anos).

Não conheci necessariamente adolescentes, mas eu conheci uma mulher que ela fez aborto e ela foi muito julgada por isso, porque ela não queria engravidar e aconteceu isso, as pessoas dizem que ela vai pro inferno, que ela desonrou a raça humana e as pessoas jogaram todo o ódio nela. E eu acredito que ela não matou ninguém, porque quando ela fez isso não tinha se tornado uma criança ainda era apenas um feto, e eu tentei explicar isso para as pessoas próximas dela e tipo hoje ela segue a vida dela de boa e não se arrepende da escolha que fez, apesar de ter sido feito de uma forma totalmente errada e clandestina, eu fiquei muito feliz de não ter acontecido nada com ela, de não ter afetado a vida dela, de não ter morrido ou acontecido algo mais com ela, porque geralmente é isso que acontece infelizmente devido a todas as situações que são feitas (Evelyn, 16 anos)

A prática do aborto é muito praticada no mundo todo, principalmente por adolescentes que estão iniciando sua vida sexual e não quer assumir tal responsabilidade e conseqüentemente interromper sua juventude, isso ocasiona um alto índice de risco à saúde pública pela prática ilegal. Segundo Souza et.al (2001),

“O aborto torna-se, então, a única saída para estas adolescentes e, neste desafio, elas arriscam suas próprias vidas, quando decidem interromper a gravidez utilizando-se de quaisquer recursos que tenham à mão”. No mundo todo quem mais sofre com esse processo é as jovens mais pobres que não tem como fazer um aborto numa clínica e acabam por efetuar isso de qualquer maneira e colocam suas vidas em risco sem ao menos saber o que realmente está acontecendo naquele momento ao seu redor.

As adolescentes de maior poder aquisitivo utilizam as clínicas especializadas e têm acesso à assistência qualificada; enquanto, na maioria das vezes, as adolescentes pobres não recorrem ao aborto por não terem condições financeiras e, como alternativa, buscam pessoas não habilitadas e métodos abortivos rudimentares, que levam a graves complicações e morte. A clandestinidade transforma o aborto em um negócio lucrativo, garantindo a impunidade para aqueles que o realizam (SOUZA et.al, 2001,p.43).

Como a autora afirma o aborto virou uma espécie de negócio em nosso país, onde gera muito dinheiro para aqueles que realizam a prática. Dessa forma, é necessário que se comece a pensar numa redução de gravidez na adolescência, como um ato de ajudar essas jovens e toda uma população, pois sabemos que não somente as grávidas vão sofrer com isso, mas futuramente os filhos delas também.

Como os entrevistados afirmam todos eles conheceram alguém que já fez um aborto ilegal, é possível se deparar muitas vezes com pessoas que fizeram planos diferentes para suas vidas e acabam vendo o ato de “abortar” como uma escapatória para seus problemas. Como afirma Souza et.al (2001), a adolescência é caracteriza por etapas de desenvolvimento físico, mental, emocional e social, em um processo lento da infância para a fase adulta, mas quando essa jovem engravida esta fase é transposta aos saltos.

Assim, é possível falar que essa adolescente não viveu intensamente de todas as fases da qual ela teria direito, dando um salto para a vida adulta e passando a assumir responsabilidades até então desconhecida para elas, não se pode culpá-las por suas escolhas que muitas vezes não são pensadas, apenas executadas. A sociedade precisa ser mais bem trabalhada para ser melhor compreensível com as jovens que descobrem uma gravidez que não é planejada, porque os julgamentos acabam ocasionando uma depressão nessas adolescentes.

Dessa forma, os entrevistados são perguntados se eles sabem como é a relação das adolescentes que engravidaram com seus pais e como eles reagiram a essa gravidez, eles respondem:

Essas que engravidaram tiveram muito medo de contar para os pais, porque nunca se sabe qual vai ser a reação desses, porque quando a gente olha na rua e ver alguém grávida, vemos o julgamento dos nossos pais, então a gente já se coloca no lugar dessa pessoa. Eu tive uma colega que teve medo de contar para os pais dela e quando contou a reação deles foi estranho, o pai dela bateu nela, não achei isso certo, pois o acontecido não poderia ser mudado, então aquela atitude dele não ia adiantar de nada, ele deveria tentar ajudar ela e apoiar, pois a mesma não precisava de mais um pra condenar (Iolanda, 16 anos).

Sim, uma delas a mãe foi de boa, porque a mãe dela já tinha passado por isso e foi abandonada pelo pai dela, então ela apoiou a filha, já a outra não teve coragem de contar para os pais dela (Denise, 16 anos).

Tem uma menina que eu conheci esse ano, o pai dela não foi muito a favor, mas como ele é pai e viu que a menina tava muito desesperada ele apoiou ela, mas atualmente ela mora com a irmã dela (Arthur, 15 anos).

Eu acredito que uma relação com os pais antes de uma gravidez conta muito se uma pessoa vai engravidar ou não, porque como o sexo é um tabu os pais não tem coragem, não tem vontade de conversar com os filhos sobre isso, não querem ensinar como os filhos devem se prevenir de uma gravidez e acaba que os jovens seguem por seus próprios caminhos sem saber como evitar uma gravidez e iniciam uma vida sexual muito cedo porque não teve ninguém pra explicar como isso deve acontecer, em que momento deve ocorrer, aí depois que engravida a situação piora cada vez mais porque a pessoa passa a ser julgada por aquilo que ocorreu, é como se ela soubesse de tudo e muitas vezes esse não é o caso, muitas jovens engravidam na sua primeira relação sexual, uma coisa que ninguém espera e é difícil, mas as possibilidades estão sempre ali, então se os pais tivessem esse olhar e amparo antes e depois da gravidez nossa sociedade seria bem mais estabilizada e humana, porque a sociedade olha como se fosse uma coisa de outro mundo, esquecendo de tudo que levou aquela condição. E isso acaba afetando não somente o psicológico da mãe da criança, mas futuramente a criança também cresce uma pessoa revoltada e sem estabilidade emocional. Então os pais precisam falar de relação sexual com seus filhos e ter a noção de que o sexo ele está chegando cada vez mais cedo na vida das pessoas e principalmente na vida dos meninos e agora das meninas também, porque os meninos eles são incentivados a ter essas relações cedo, mas as meninas não, então os pais precisam ter essa conversa com os filhos e filhas, os pais precisam aprender que ensinar não é incentivar, mas conscientizar e a partir disso eles vão decidir se querem se proteger ou não. Eu mesmo não converso sobre isso com meus pais, eles são bem preconceituosos e religiosos, o que acaba por distanciar um pouco a nossa relação (Evelyn, 16 anos)

Nem sempre a reação dos pais é uma das melhores possíveis, devido a isso muitas adolescentes escolhem esconder a gravidez dos mesmos no início, achando que aquilo irá preservar a relação deles, mas esse fato de esconder pode causar estresse e raiva nessas garotas, pois elas estarão mais sensíveis a tudo que antes poderia ser normal na vida delas, muitas escolhe se arriscar pelo caminho do aborto

como já foram falados antes, os pais devem sempre estar atentos aos comportamentos diferentes de seus filhos.

Como uma das entrevistadas falou que a relação construída com os pais antes de uma gravidez influencia muito no comportamento e reação desses durante uma gestação. Essas relações de bom comportamento que os entrevistados confirmam durante o questionamento que é feito sobre a reação dos pais é fruto de algo formado no passado e é por isso que estes resolvem apoiar suas filhas. Porém, nem todas têm a mesma sorte e acabam que são julgadas até mesmo dentro de casa, apanham, são expulsas de casa pelos pais, tudo isso é fruto de uma relação mal construída muitas vezes.

Os motivos que levam uma adolescente a engravidar são variados e de diversas ordens. Muitas pesquisas mostram que o início da atividade sexual pelos jovens é cada vez mais precoce; a transa faz parte do namoro, com baixa incidência do uso de métodos anticonceptivos. Um(a)s desejam engravidar como parte do processo da busca da identidade. Porém, a desinformação é uma das principais causas, pois a falta de informação a respeito da sexualidade faz do assunto um tabu, e esta atitude provoca curiosidade, que muitas vezes é satisfeita entre amigos. Desse modo, as adolescentes engravidam sem ao menos saberem o que está acontecendo com seu corpo, por não associar a relação sexual com a fecundidade, por não tomarem medidas para prevenir uma gravidez. Só encaram o problema quando já estão grávidas e, para muitas delas, o aborto é um método contraceptivo (SOUZA et.al, 2001, p.43).

Assim, a gravidez se torna um problema social, mas antes de tudo familiar, os jovens devem enxergar o namoro e as relações sexuais como prazerosa e não como um problema e um tabu que não pode ser falado, a família deve sempre orientar sobre os métodos anticoncepcionais, as meninas precisam se conhecer fisicamente e corporalmente antes de se entregar a uma relação, precisa saber dos riscos que ela passa a correr a partir do momento que ela tem o ato sexual, pois nenhum método é 100% seguro, mas em grande parte evita uma gravidez que é o maior medo do século e as doenças sexuais.

Assim, os entrevistados são perguntados como a escola ela pode contribuir para reduzir o número de gravidez, uma vez que dentro das escolas o índice de grávidas aumenta a cada ano, eles respondem a seguir:

A escola deve sempre apoiar as meninas que estão grávidas, e em relação a redução ao número de grávidas na escola, temos sempre campanhas que mostram as doenças que podem ser causadas pelas relações sexuais e o combate da gravidez, muitas vezes os palestrantes levam preservativos e acabam distribuindo na escola, trabalhamos muito do assunto em biologia e

agora chegamos a trabalhar em geografia com nossa professora, pois o assunto dá para englobar muito essas questões (Iolanda, 16 anos).

Ensinando mais como se usar os preventivos e dando mais palestras incentivando os jovens a praticar essas coisas corretamente e que não se deve fazer essas coisas sem preservativo e acho que a sociedade em si, deve receber essas meninas com carinho e atenção, porque a gente não sabe o que elas estão passando, o julgamento que estão sofrendo e isso não levam ninguém a nada (Denise, 16 anos).

Além das palestras, acho que nas aulas é preciso se de educação sexual, a distribuição de camisinha falando mais sobre o assunto, porque o assunto de sexo em escola ainda é um tabu muito grande, e não falar somente da gravidez, falar das doenças que o sexo pode causar também e principalmente de como usar esses preservativos, não adianta só falar a respeito deles (Arthur, 15 anos).

É uma coisa que pode ajudar muito, mas as pessoas tem uma ilusão que se isso for ensinado nas escolas vai incentivar os jovens quando na verdade isso vai apenas conscientizá-los, a partir do momento que os jovens sabem dos riscos que estão correndo de pegar uma gravidez ou uma doença numa relação sexual, seja com uma pessoa que ele conheça ou não, porque os jovens devem se atentar aos companheiros que eles terão. Porque o sexo deve ser prazer e de uns tempos pra cá isso se tornou um peso ou prejudica as pessoas, tem gente que não quer usar camisinha e se satisfazer sobre uma situação que mais a frente pode ter consequências. Então se houvesse mais palestras e ensinamentos dentro das escolas sobre as relações sexuais o índice de gravidez provavelmente diminuiria e a sociedade estaria mais estruturada e consciente para esse tipo de situação (Evelyn, 16 anos)

O sexo se tornou algo fútil, que é feito de qualquer maneira apenas para a satisfação do prazer entre a maioria dos jovens, não se tendo o devido comprometimento que exige para que ocorra da forma certa, sem precisar pular por etapas da vida. No Brasil segundo o relatório publicado em 2018 pela Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), a taxa de gravidez na adolescência é muito elevada, são 68 bebês nascidos a cada mil mulheres grávidas entre a idade de 15 a 19 anos, o que torna esses dados preocupantes.

A escola é o lugar que os jovens devem aprender a se descobrir, tirar suas dúvidas e sempre buscar mais informações, mas é o lugar que recebe muitas críticas, para muitos é o espaço que incentiva os adolescentes a buscarem por caminhos que antes eles não andavam. Porém, são nas escolas que se tira as maiores dúvidas sexuais, as palestras de conscientização servem como apoio para aqueles que não falam sobre sexo dentro de casa com seus familiares.

Esse tabu em falar sobre sexo leva a altos índices de gravidez na adolescência, pois depois da família a escola deve ser o segundo suporte para todos os jovens, os professores se tornam quase uma família para eles, onde dão sustentação e confiança para que estes possam conversar entre si e sobre suas respectivas vidas, porque esses “meninos e meninas” não ganham a atenção que necessitam.

É esperado que a educação sexual nas instituições transmita a sexualidade a partir de um enfoque sociocultural, ampliando, deste modo, a percepção de mundo do aluno, ajudando-o a aprofundar e refletir sobre a forma como a sexualidade se apresenta em sua cultura. Ou seja, o aluno privilegiado com as informações recebidas poderá ter um entendimento melhor sobre o assunto, auxiliando-o na tomada de decisões e na reflexão sobre as questões relacionadas à sexualidade, podendo-se obter um comportamento mais adequado por parte dos estudantes (RODRIGUES e WECHSLER, 2014, p.90).

É necessário que os educadores estejam aptos a ser parte da vida desses jovens e que se tornem como uma base de estrutura para aqueles que precisam e se sentem sozinhos. O apoio pode contribuir para uma escolha melhor e auxiliar esses adolescentes nas decisões difíceis como o envolvimento sexual, o que exige um comprometimento emocional e afetivo.

Nesse sentido a escola deve ser uma mediadora do conhecimento entre o professor e o aluno. O educador deve sempre buscar meios que possam lhe ajudar com mais informações e com isso consiga contribuir para que o aluno tenha mais conhecimento sobre a educação sexual e assim possa reduzir os casos de gravidez e doenças sexuais, mas acima de tudo garantido uma vida sexual ativa prazerosa e responsável entre os jovens.

4 AS ADOLESCENTES SE APRESENTAM

Os jovens adolescentes são grande parte da população atualmente, refletindo um número muito grande de adolescentes grávidas, ocasionada por vários fatores sociais, sejam eles por falta de políticas de prevenção, que não dão o devido apoio a estas jovens, seja pelos fatores culturais que envolvem família e toda uma cultura de ensino, fatores econômicos que englobam toda uma comunidade. Essas faixas etárias precisam de toda atenção possível, pois são adolescentes que precisam ter o apoio de representantes para se estabilizar como adultos que estão se formando e amadurecendo constantemente, não se perdendo o espaço social que possuíam.

Na atualidade vê-se o exercício da sexualidade começando cada vez mais cedo, impulsionado pela imposição social que leva crianças a adoescerem precocemente. A iniciação da atividade sexual pode gerar grandes consequências, uma delas é a gravidez indesejada que leva adolescentes a ingressarem na vida adulta rapidamente mesmo não estando preparadas psicologicamente, levando a jovem a mudar completamente seu modo de vida.

A gravidez na adolescência é um fenômeno que vem sendo discutido a cada ano no Brasil, por ser motivo de preocupação devido às consequências. Atualmente é concebida como um problema de saúde pública, que pode ser evidenciado pela falta de educação sexual, planejamento familiar e pelo uso errôneo de métodos contraceptivos (NASCIMENTO, 2011, p.42).

Esse momento vivido pelas adolescentes é uma condição que reflete muito preconceito social, o que impede que muitas delas não ganhem espaço e voz dentro da sociedade. São vistas como “meninas”, que não cresceram e nem estão preparadas para assumir tamanha responsabilidade. O espaço vivido por estas não reflete muitas oportunidades como já foi citado, o que ocasiona muitas vezes caos e transtornos sociais.

São inúmeros os fatores enfrentados pelas adolescentes, como o abandono escolar que aumenta cada vez mais, o afastamento dos familiares e amigos, que fazem a mesma sentir vergonha e constrangimento, o desrespeito da população envolvendo essas adolescentes, assim como a perda de espaço e diminuição dessas jovens no mercado de trabalho, a construção de relacionamentos afetivos promissores também diminui, consequências de uma sociedade preconceituosa e que não faz questão de dá o suporte para essas jovens.

A gravidez é considerada como um problema e reforça a ideia de que a adolescente possa apresentar vários comprometimentos como no crescimento, podendo também ter problemas emocionais, educacionais e outros. É comum considerar a gravidez precoce como indesejada, assim como a união que dela possa vir a surgir. É importante reiterar que a gravidez na adolescência pode acontecer pela falta de prevenção, descuido, pode ser indesejada ou até mesmo planejada, mas é necessário considerar as circunstâncias pessoais e sociais dessa ocorrência, para não correr o risco de reforçar, cada vez mais, comportamentos preconceituosos e discriminatórios, que desconsideram as capacidades e os recursos das adolescentes para enfrentar os desafios da vida cotidiana (NASCIMENTO, 2011, p.43).

Essas adolescentes entram para os índices de pessoas que deram errado para a sociedade, o que ocasiona uma despreocupação pública com as mesmas, sendo que o número de gravidez nesse momento da vida pode ser evitado por inúmeras contribuições populacionais e governamentais. É uma prática que pode trazer benefícios para toda a população, inclusive reduzir o número de grávidas no país. Mesmo com todos os pontos já citados, sabemos que uma gravidez pode ser provocada por diversos aspectos sociais, o que ocasiona mudanças emocionais, corporais e psicológicas dessas jovens, além de aumentar também o número de abortos, sejam eles espontâneos ou não.

A escola deve ocupar um importante papel no autoconhecimento corporal dessas meninas, assim como na educação sexual desses adolescentes. É importante trazer o debate do assunto para dentro das escolas, originando o conhecimento sobre as formas de prevenção de uma gravidez precoce e indesejada, assim como as doenças ocasionadas pelas relações sexuais. Para Nascimento (2011), não basta promover ações preventivas de caráter prescritivo e baseadas exclusivamente em fatores biológicos da sexualidade. A sexualidade caracteriza um tema que exige tratamento interdisciplinar e transversal ao ser abordado nos contextos educativos.

Os educadores devem construir com as famílias uma ponte de autoconhecimento em que possa esclarecer para as jovens esse momento vivido por elas, mas antes de tudo deve orientar sobre a formação sexual dos adolescentes, pois estes são extremamente necessitados de boas explicações em que possam ser capazes de entender os conceitos sociais já estabelecidos.

4.1 O pensamento das adolescentes acerca da gravidez

A gravidez entra na vida das meninas que foram entrevistadas através das relações afetivas construídas com seus parceiros. A primeira impressão é de angústia, medo, decepção, choque e tristeza, o que pode ser modificado com o tempo e fazer uma transição para uma alegria e felicidade ao ter os primeiros contatos com a criança que nascerá ou já nasceu. Dessa maneira, elas se expressam através de entrevistas abertas, ou seja, aquela na qual o entrevistador propicia situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a “provocar” um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante (DUARTE, 2004, p.216).

Essa pesquisa foi elaborada como estudo qualitativo, onde este teve por preocupação compreender um determinado grupo social. Assim, de acordo com Minayo (2001, p.21-22), esse tipo de pesquisa é baseada em crenças, valores, atitudes, significados que corresponde a um espaço aprofundado das relações, além dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização das variáveis.

A taxa de natalidade atinge uma grande parte da população jovem no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), a cada cinco mulheres grávidas, uma é adolescente, são jovens com a idade de 15 a 19 anos. Segundo o IBGE (2015), “essas garotas costumam ser pessoas com escolaridade baixa e que tem poucos acessos devido ao alto índice de pobreza ao qual estão inseridas”. Ou seja, grande parte das adolescentes que engravidam são mulheres que tiveram poucas oportunidades, e todo esse contexto que a mesma está inserida acaba á tornando frágil ao problemas sociais que ela irá encontrar no seu caminho.

Assim, analisar a mensagem oral é algo que se faz necessário uma vez que será o principal foco de nosso estudo, para aprofundar o conhecimento nessas meninas. Vale ressaltar que a gravidez nessa fase é um momento de transformações e amadurecimento, algo pertencente das mulheres ao longo da vida, assim como as descobertas sexuais, deixando claro que as adolescentes não poderão ser coagidas a essa pesquisa.

Na pesquisa realizada foi possível observar que os companheiros dessas adolescentes também eram jovens que estavam em processo de crescimento e amadurecimento, o que causa consequências desafiadoras para ambos, pois os

dois precisam aprender a serem pais e assumir todas as responsabilidades envolvidas socialmente, como assumir uma família.

Assim as adolescentes dessa pesquisa engravidaram com a idade de 16 anos, mas iniciaram a vida sexual bem antes, todos os filhos são fruto de um relacionamento longo. Foram entrevistadas três adolescentes, que aceitaram participar da pesquisa e contribuir através de suas falas. Dessa forma, as entrevistadas serão identificadas com nomes fictícios que as mesmas escolheram, foi perceptível que as jovens ficaram com vergonha e um pouco constrangidas no início de suas falas, mas durante a entrevista elas foram se abrindo e relatando sobre suas vidas. As adolescentes foram perguntadas como foi para elas descobrir uma gravidez e como elas se sentiram ao descobrir, as mesmas responderam da seguinte maneira:

Quando eu descobri, tinha apenas 16 anos. Eu fiquei literalmente chocada, pois eu era muito jovem e não imaginava eu cuidando de uma criança com tão pouca idade, porém nunca vi como um problema ter uma criança. Eu me sentia insegurança, com medo, incapaz e pensei bastante no que viria pela frente (Ana, 18 anos).

Minha menstruação sempre foi muito atrasada, ela passava de dois a três meses sem vim, daí eu tive uma hemorragia porque eu tinha muita anemia, aí o médico disse que eu não poderia ter filhos por causa da anemia, aí eu fui e me despreocupeí. Depois disso tudo se passaram um ano eu engravidei do meu filho, aí quando eu descobri já iam interar três meses, porque eu não tinha barriga, estava inchando e sentindo muito sono mais do que o normal, aí eu falei pra mãe que ia fazer o teste daí eu fiz e deu positivo, no começo eu não acreditei (risos), aí eu fiz o exame de sangue pra ver se era realmente verdade, mesmo tudo apontando pra ser, aí o exame deu positivo (Carla, 18 anos).

Não foi fácil porque uma gravidez na adolescência não é algo fácil e foi muito complicado, porque eu não esperava que acontecesse naquele momento. Eu me senti muito agoniada e sem saber o que eu ia fazer da minha vida (Afrosa, 17 anos).

A descoberta de uma gravidez na adolescência é como um choque de realidade, tanto para as adolescentes quanto para a família, que pode ver isso com “bons olhos” ou não. As jovens muitas vezes se desesperam e ficam angustiadas com esse momento vivido por elas, muitas vezes sem acreditar se realmente é verdade aquilo que está acontecendo com elas.

Encarar uma gravidez nem sempre é fácil como afirmam as entrevistadas, porque elas não esperam que isso aconteça com elas, principalmente aos 16 anos que é quando elas começam a se deparar com novos acontecimentos em suas

vidas, como a relação sexual que começa a assumir um papel de realização plena da juventude.

Para o adolescente, a sexualidade torna-se importante para a sua formação como ser humano, assumindo uma posição especial em sua vida. Atualmente, a atividade sexual tem se iniciado cada vez mais precoce e mantida de forma freqüente entre adolescentes. Além disso, a menarca precoce, valores culturais, a falta de perspectivas, o desconhecimento em relação aos métodos contraceptivos, o nível social, econômico e educacional contribuem para elevar os índices estatísticos de casos de gravidez na adolescência (EDUARDO et.al, 2005, p.215).

Esse momento é de crescimento e amadurecimento, pois a gravidez traz consigo uma série de questionamentos e uma independência até então desconhecida. A gravidez é o momento de entender que os ciclos precisam recomeçar e que boa parte dos sonhos dessa jovem será interrompida, mas nem todas ficam tristes com a descoberta e encaram essa etapa com muita felicidade.

Assim, as adolescentes são perguntadas quais foram os sentimentos e as sensações do início e se foram mudados com o tempo e de que forma, as mesmas respondem da seguinte maneira:

Sim, mudou. Pois eu pensei muito como era ter um filho tão jovem. Porém estava com medo do que meus pais pensariam sobre ter um filho, pois eles ainda não sabiam. Mas eu segui em frente até que cheguei a contar. A forma que foi mudando quando eu já sentia que em mim existia alguém foi inacreditável, já imaginava sendo mãe, porém já estava pronta para críticas (Ana, 18 anos).

A sensação continua a mesma desde que eu engravidei, até porque eu sempre quis ter um filho homem, as pessoas diziam que era menina e eu brigava dizendo que não era (risos), e antes mesmo de engravidar eu sempre soube o nome que daria pro menino, foi uma surpresa mais foi a maior alegria da minha vida, só demorou pra cair a ficha, pra acreditar, até depois que nasceu eu me perguntava se era meu mesmo (Carla, 18 anos).

Sim, eu fui contando aos meus familiares e eles foram me dando muitos conselhos e isso acabou me mudando. Minha vida não mudou totalmente, mas mudou algumas coisas, tipo questões de hábitos alimentares e meu próprio modo de vida. Antes eu era uma pessoa muito estressada e agoniada, comia muita besteira e hoje em dia eu tento me controlar, pois o próprio médico falou que eu teria que tomar mais cuidado durante a gravidez porque meu corpo ele não está totalmente formado e com isso eu consegui mudar meus hábitos alimentares, comecei a me preocupar não só comigo (Afrosa, 17 anos).

Nem sempre engravidar jovem é como as pessoas imaginam, para as entrevistadas a gravidez mudou a vida delas de forma positiva, todas sempre tiveram o sonho de serem mães e a sensação de medo do início é mudada

completamente com o tempo, principalmente quando a criança começa a se desenvolver dentro da barriga delas, esse momento é como um tipo de renascimento na vida dessas adolescentes. Para Eduardo et.al (2005), é comum encontrarmos adolescentes felizes após a descoberta da gravidez, afirmando que a criança é bem-vinda e todos já comemoram sua chegada.

Esse momento de descoberta como mãe faz as adolescentes vivenciarem de uma etapa incrível em suas vidas, mas ao mesmo tempo elas precisam conviver diariamente com a crítica social em que diz que a mulher não deve engravidar antes dos 18 anos, até por todos os paradigmas impostos. Dessa forma, as jovens acabam se sentindo inseguras e passam a conviver com sentimentos diversos no seu cotidiano.

Quando a mulher descobre que está grávida, vários sentimentos podem se tornar evidentes. Essa mistura de emoções pode ser mais presente quando a mulher vivencia um momento de grandes conflitos como a adolescência. A adolescente sente que infringiu normas e valores impostos pela sociedade e carrega o estigma de “culpada” e “impura”, o que a leva a tomar decisões que podem acarretar mais complicações (EDUARDO et.al, 2005, 216-217).

A cobrança por parte das pessoas ao redor destas adolescentes faz com que elas sintam culpa das escolhas delas, que o medo faça parte da rotina destas jovens diariamente.

Dessa maneira, as adolescentes são perguntadas se a vida delas foi mudada e de que forma, as mesmas relatam da seguinte maneira:

Sim, eu tive que mudar da maneira que as novas coisas iam surgindo, uma gravidez significa mudanças na nossa vida e assumir responsabilidades na qual não imaginamos (Ana, 18 anos).

Minha vida não mudou muita coisa, até porque eu sempre cuidei do meu irmão, minha mãe sempre trabalhou e o pai nunca esteve muito presente, aí eu cuidava do meu irmão, a única coisa que mudou é que agora eu tava cuidando do meu filho e não do meu irmão, aí eu fui morar na minha casa antes mesmo do meu filho nascer e minha vida continua igual, eu sempre cuidei da casa da mãe mesmo, sempre assumi as responsabilidades, então aquela rotina do dia a dia continua a mesma, só que agora eu é que sou a dona de tudo isso (Carla, 18 anos).

Eu acho que deixar de ser a menina que eu era, essa foi a principal mudança na minha vida, assumir responsabilidades me fez crescer bastante, até porque eu sempre fui filha única (Afrosa, 17 anos).

A gravidez quando não programada pode alterar a vida de qualquer mulher e trazer consigo várias mudanças na personalidade, estando ligada intimamente ao emocional destas. Na adolescência isso acaba ficando ainda mais evidente, abalando a vida das jovens profundamente e modificando a mesma no seu contexto social.

As responsabilidades que uma gravidez traz para a vida das entrevistadas mostra o amadurecimento que elas tiveram para encarar essas dificuldades, abrir mão de sonhos de infância para viverem esse momento da melhor maneira possível. Elas demonstram que encontram forças para encarar essa realidade de uma maneira totalmente descontraída, não como se a vida delas houvesse acabado.

A partir disso as adolescentes são perguntadas como a família delas reagiu e se os mesmos as apoiaram neste momento e além da família de quem mais tiveram apoio, as respostas são da seguinte maneira:

Fiquei aflita em saber que iria contar aos meus pais, pois eu era muito nova. Quando chegou o grande dia, minha mãe ficou muito preocupada por conta da idade, do que vinha pela frente, como eu cuidaria. Já meu pai, ficou triste. Pois ele não queria que eu tivesse agora por conta dos estudos. Mas a nenhum momento ele ordenou a não aceitar, abortar ou não querer eu perto dele. Eles aceitaram e me apóiam até hoje, inclusive com essa segunda gravidez que estou agora, só não tive muito apoio de outras pessoas e fui muito julgada por isso e mais uma vez estou sendo por engravidar rápido depois da primeira gravidez (Ana, 18 anos).

Minha família reagiu super bem, até porque eu nunca escondi nada da minha mãe e quando eu contei pra ela, ela ficou normal, só o pai que deu pt, ficou falando merda, mas depois ele se redimiou e deu tudo certo e agora tá tudo bem entre a gente, tudo é questão de tempo. Todo mundo me apoiou, não teve ninguém que não me apoiou, até porque eu e meu namorado já estávamos juntos há cinco anos, sempre tem aquelas pessoas que criticam que falam besteira e que dizem que a gente é muito nova pra ter filho, mas não era pessoas da família, só meu pai mesmo que no início tava falando besteira, só que depois já estava até me ajudando, na minha família todo mundo me ajudou seja com algumas coisas ou através de palavras e gestos (Carla, 18 anos).

Eu não queria contar pra ninguém no início, mas logo minha mãe descobriu e eu disse pra ela a verdade, foi difícil pra gente por sermos de família tradicional, mas meus pais me apoiaram e me deram a mão, meus amigos também a maioria ficou do meu lado (Afrosa, 17 anos).

A família quando descobre a gravidez dessas adolescentes costumam reagir de maneira agressiva, não dando o suporte necessário que essas jovens precisam. É como se elas fossem às piores pessoas do mundo, devido a isso as próprias adolescentes ficam com medo da reação dos pais e acabam não contando para eles

de início o que se passa, tentando esconder esse acontecimento até a barriga começar a aparecer.

A gravidez na adolescência pode provocar significativos conflitos familiares e sociais, visto que a jovem quase sempre não está preparada fisicamente, emocionalmente e economicamente para enfrentar a gestação e o cuidado com o recém-nascido (MARANHÃO et.al, 2018, p.841).

Esses conflitos podem ocasionar decepção para as adolescentes que esperam ser apoiadas, mas muitas vezes os pais são os próprios agressores psicológicos dessas jovens. Na maioria das vezes em famílias mais tradicionais que refletem nas filhas um futuro de sucesso e autonomia.

Para as entrevistadas a família foi à base que elas precisavam, dando todo o suporte necessário, carinho, afeto e compreensão que se espera, mas nem todos reagem dessa maneira, os amigos são os primeiros que se afastam e excluem essa adolescente do seu círculo social, mesmo que indiretamente há o afastamento. As entrevistadas contaram com a ajuda de alguns amigos, outros simplesmente quiseram se afastar por ver isso como uma negação.

Assim, as jovens são perguntadas sobre suas maiores dificuldades durante essa trajetória, enfrentadas por elas:

As maiores dificuldade que todas nós mães jovens enfrenta, é sistema de aceitação pela sociedade, por ser tão nova. Já cheguei a lugares em que as pessoas olhavam com cara ruim para mim, ou até mesmo chegava até falar. Outros chegavam pra mim e vinha me perguntar várias perguntas do tipo "Já tem filho?" "Tão nova pra ter um filho" "Uma criança, cuidando de outra criança" e a pergunta que eu mais recebia era "Quantos anos você tem?". Essa superava todas as outras, e quando eu respondia, ficavam indecisos ou chocados. Essa parte foi ruim, sobre a aceitação pela sociedade. Mas o que me importa a sociedade me aceitar? Eu tenho o apoio da minha família, amigos e até nem tantos amigos assim. Esses apoios já bastam (Ana, 18 anos).

A minha maior dificuldade foi perder o medo porque eu não gostava de ir pra lugar nenhuma sozinha e eu tive que aprender a resolver meus problemas sozinha, porque nas minhas primeiras consultas a minha mãe ia comigo só que depois ela não podia ir e meu esposo também não podia ir porque eles trabalhavam, daí eu tinha que ir sozinha. Tive muito medo quando eu ganhei meu filho, foi quase uma depressão pós parto, onde eu me sentia muito insegura, me perguntava como eu ia cuidar de uma criança, aí depois de uns dez dias isso foi mudando, antes disso eu não dormia direito, não comia, era toda hora olhando pro menino e vendo se ele tava respirando, mas daí fui aprendendo algumas coisas, a mãe me ajudou muito

também nesse momento e acabou que depois de um mês fui morar sozinha e eu já conseguia cuidar do meu filho sozinha (Carla, 18 anos).

As dores físicas e o próprio medo do julgamento das pessoas. Algumas pessoas ao meu redor elas também ficaram chocadas, alguns não aceitaram isso bem e outros reagiram de boa apoiaram totalmente e aqueles que não me receberam tão bem não eram tão próximos de mim assim, então eu deixei passar. O julgamento das pessoas é visível através do olhar das pessoas de forma diferente, os fuxicos com meu nome (Afrosa, 17 anos).

São muitas as dificuldades que estas jovens encontram no seu caminho, para se reencontrarem elas precisam fazer uma longa trajetória, enfrentar os obstáculos sociais e os julgamentos de todas as pessoas ao seu redor. O medo do amadurecimento e de ter que resolver tudo sozinha também faz parte, as dores físicas por terem um corpo ainda não desenvolvido, tudo isso entra na vida destas adolescentes de forma avassaladora.

Dentre estes problemas enfrentados surge a outra pergunta deste questionário, que é exatamente se o pai da criança que ela estava envolvida lhe apoiou, assumido a responsabilidade paterna e como é essa relação dos dois (pai e filho):

A reação do meu filho com o pai dele é muito boa. Eles se dão super bem. Sim, ele assumiu e estamos juntos até hoje. Eles adoram brincar um com o outros, me ajuda quando preciso dele, mesmo às vezes tendo os problemas do dia-a-dia. Agradeço a ele por ser um bom pai (Ana, 18 anos).

A relação do meu filho com o pai dele é melhor do que comigo (risos), ele gosta mais do pai do que de mim, porque eu dou bronca nele e o pai dele não e faz todos os gostos dele, quando eu falei que estava grávida ele me apoiou e super assumiu (Carla, 18 anos).

A reação dele no início também foi muito parecida com a minha, ele ficou muito agoniado e meio sem saber o que fazer, mas com o tempo a gente foi se acalmando, conversando com os familiares e isso acabou ajudando bastante a gente, tenho certeza que ele será um bom pai, já que é um ótimo tio para o sobrinho dele (Afrosa, 17 anos).

Um dos maiores problemas encontrados na sociedade atual, é o abandono paterno por parte dos adolescentes, que fogem de tal responsabilidade por medo, por serem jovens ou por não terem condições de sustentar esse filho, uma vez que a relação sexual costuma acontecer por prazer entre os jovens.

Quando não há consolidação de vínculo entre a jovem e o pai da criança, revelar a gestação pode ser um momento de temor pela possibilidade de rígidas punições, o que pode levar as jovens a fugirem de casa ou até mesmo a praticarem aborto. Nesse sentido, o estabelecimento de redes de apoio social é de fundamental relevância, pois o suporte dado à jovem mãe

pela família facilita o pleno exercício do papel materno e atenua a ansiedade (MARANHÃO et.al, 2018, p.841).

Quando essas jovens não têm o apoio do seu parceiro, sua rede de suporte acaba sendo apenas a família ou alguns amigos. A maternidade se torna muito mais complexa quando essas adolescentes se encontram sozinha, cometendo muitas vezes a prática do aborto, ou abandono dessa criança.

Dessa forma as adolescentes que foram entrevistadas são perguntadas se pensaram em abandonar seu filho ou abortar, e elas relatam da seguinte forma:

Não, em momento algum pensei em querer abandonar ou abortar. Por mais que foi difícil o projeto de aceitação, Eu queria enfrentar tudo isso, poder passar por essa experiência. Claro que eu pensei que minha vida ia mudar que não ia ser fácil daqui pra frente. Mas em momento algum eu pensei isso, e nunca pensaria se tivesse outro filho. Agradeço demais por ter ele hoje comigo (Ana, 18 anos).

Nunca pensei em abandonar e nem abortar meu filho, o meu maior medo depois que engravidei foi que ele morresse na hora do parto ou durante a gestação, porque eu era muito anêmica e o médico já tinha dito que eu poderia ter filhos e que se tivesse não passaria dos três meses, mas graças a Deus deu tudo certo no final (Carla, 18 anos).

Não eu nunca pensei em fazer mal para criança, afinal é um inocente que não tem culpa de nada. Eu sou contra o aborto, mas concordo em casos de violência, mas no meu caso eu sou totalmente contra (Afrosa, 17 anos).

O projeto de aceitação de uma gravidez é complexo, exige das adolescentes maturidade nas suas escolhas, mas principalmente saber controlar suas emoções. É tempo de viver a experiência de maneira harmônica, pensando no futuro e como lidar com tudo aquilo que é novo para elas.

A escolha de ter ou não uma criança deve ser pensada cautelosamente, já que no Brasil é crime segundo o Art. 124 do Código Penal – Decreto Lei 2848/40 (BRASIL, 1940), que diz “*Provocar aborto em si mesma ou consentir que outrem lhe provoque: Pena – detenção, de um a três anos*”. Assim, o aborto pode ocasionar penas que devem ser pagas perante a lei, como também acarreta o arrependimento por esta escolha por grande parte das praticantes.

O apoio que as entrevistadas receberam de seus companheiros mostra como elas conseguem lidar com essa situação de uma maneira bem mais tranquila, apesar de todas as dificuldades enfrentadas por elas. A partir desse momento elas adquirem um relacionamento mais sólido e estável com seus parceiros, no caso o casamento.

Para entender ainda melhor esse momento vivido pelas adolescentes, pergunto como elas se descrevem antes e depois de serem mães e qual a mensagem que elas dariam para quem está passando por essa mesma situação, assim a resposta que elas relatam é da seguinte maneira:

Antes de ser mãe, minha vida era normal. Normal, digamos como outra qualquer vida. Escola, deveres de casa, dormir entre outras coisas. Depois de ser mãe, a minha vida mudou e olha que mudou pra melhor eu confesso. Parece que teve mais sentindo, eu me sinto mais amada por ter o amor dele, o companheirismo, abraços, cheiros. Mesmo ele sendo tão pequeno e inocente, eu sinto que é mágico ter esse amor. Claro que tem as dificuldades de ser mãe, pois nem sempre é bolinhas branca com azul, tem que ter a responsabilidades, saber como criar um filho e isso eu aprendi com ele, ele me fez sentir uma mulher capaz, forte, guerreira e que eu devo sim enfrentar tudo que vim pela frente. Ele é minha inspiração. A mensagem que eu daria, é por mais que seja difícil, por mais que houver críticas, rejeição, te julgarem. Sejam fortes, sejam vocês. Não é fácil ter um filho tão nova, mas é uma coisa que no final tudo fica bem, que tem um preço no final. Jamais pensem em abortar, pois é uma vida, é um amor formando dentro de você. Sejam confiantes, pois essa fase passa. Irá vim problemas? SIM, porém passa, tudo passa (Ana, 18 anos).

Eu me sinto uma pessoa mais paciente e menos ignorante, porque antes de ter meu filho eu era muito bruta com as pessoas, eu não me importava com os sentimentos de ninguém, aí depois que eu tive ele eu fiquei mais madura, mudou algumas coisas, pensamentos, sentimentos e minha visão de mundo. Eu acredito que pra ser mãe não depende muito de idade, até porque não existem filhos planejados, sempre vem quando Deus quer então eu acho que ser mãe é uma questão de coragem. É só a gente pensar a quão corajosa a gente é que vai da tudo certo, porque se Deus mandou um filho pra gente é porque temos a capacidade de criar e mãe é uma palavra muito forte, uma mãe faz tudo pelo filho ficar bem e a gente só sabe o que realmente é amor quando você é mãe, que você é capaz de dá sua própria vida por um filho e eu não digo isso só por mim, mas também pela minha mãe que fez de tudo para que não faltasse nada nem pra mim e nem pro meu irmão, então mãe é mais do que coragem é para quem tem coragem (Carla, 18 anos).

Antes de ser mãe eu dormia tranquila não tinha ninguém dentro de mim, hoje eu tenho um pingo de gente se mexendo o tempo todo dentro da minha barriga, é uma sensação incrível, algo que não pode ser explicado, acho que não existe prazer melhor na vida do que sentir isso. A experiência de ser mãe está sendo algo incrível mesmo que seja aos 17 anos, eu nunca imaginei e nem esperei agora, acho que ainda não caí na real completamente, só vou cair na real quando eu estiver com meu filho nos braços. Que elas tentem se acalmar tente não se estressar e que conversem com sua mãe, com seu pai, conversem com seu namorado ou marido não sei, que tentem se resolver porque criar uma criança em um lar com briga não dá certo (Afrosa, 17 anos).

Através dos relatos das entrevistadas é possível observar como as adolescentes conseguiram superar esse momento de dificuldade, o quanto elas são felizes pela escolha de serem mães. A visão de mundo delas mudou completamente, alcançaram um nível de felicidade muito ampla, como afirma uma

das adolescentes “Ser mãe é ato de coragem”, por saberem vencer tudo aquilo que surge na sua estrada.

As batalhas que essas jovens alcançam para se tornarem vencedoras refletem dentro da sociedade, pois elas conseguem formar pessoas com um emocional mais estruturado, que não vão passar uma vida inteira atrás de respostas ou se sentindo excluídas “socialmente”, daí toda a importância que devemos dá a essas adolescentes e principalmente o apoio que todas merecem receber. Ninguém pode culpá-las por buscarem respostas para seu corpo numa relação sexual. As descobertas fazem parte da vida de todos.

Para entender o principal motivo de a gravidez ter ocorrido com essas adolescentes, questiono se as mesmas conheciam os métodos de prevenção e onde tiveram essa orientação para utilizar, elas respondem:

Eu conhecia os métodos das prevenções, tanto que eu não tomava nenhum tipo de medicamentos, pois não confiava, até hoje não confio. Nunca fui de tá tomando esses tipos de medicamentos. Porém no exato dia, não usei proteção. Creio que nesse dia foi descuido meu, acho que a maioria das meninas assim como eu busca ter conhecimento pela internet ou conhece na escola (Ana, 18 anos).

Conhecia, foi descuido mesmo (risos). Minha mãe é enfermeira então ela sempre buscou conversar comigo (Carla, 18 anos).

Eu conhecia os métodos, mas acho que foi descuido da gente mesmo, eu nunca conversei sobre sexo com minha mãe, mas não considero isso um fator que possa contribuir na minha gravidez, eu e meu namorado sempre usamos o preservativo, porém nesse dia foi descuido nosso (Afrosa, 17 anos).

Para as adolescentes que foram entrevistadas a gravidez foi um ato de descuido, as mesmas afirmam ter conhecimento a respeito do assunto e que já utilizavam os meios de prevenção. Apenas uma das jovens afirmou conversar a respeito do sexo com sua mãe, até por essa ser enfermeira e ter conhecimento das causas da não prevenção. Uma das adolescentes me afirmou que em hipótese alguma conversaria disso com sua mãe, até por essa ser de família evangélica e ser proibido ter ato sexual antes do casamento, mas ela garante que isso não é um fator que contribui para não utilização dos meios de prevenção.

Para encerrar as entrevistas pergunto se elas mudariam algo no passado delas, até para entender se existe arrependimento mesmo com todas as outras perguntas já feitas, onde as mesmas respondem de forma compreensiva com todas as situações já vividas, elas relatam da seguinte maneira:

Mudaria e não Mudaria. Mudaria, porque eu deveria ter me preservado mais. Não mudaria, porque eu acho que tudo isso valeu a pena, essa experiência que estou vivendo é maravilhosa, digo mais uma vez, mesmo com os problemas, é gratificante no final. É sensacional ser mãe. É isso (Ana, 18 anos).

Eu não mudaria nada, até porque foi o passado que me tornou a pessoa que sou hoje e também foi a partir dele que ganhei o melhor presente da minha vida (Carla, 18 anos).

Eu não mudaria nada, deixaria tudo como aconteceu, porque apesar de estar grávida muito jovem sempre foi um sonho meu ter um filho e sempre quis ter esse filho jovem, não aos 17 anos e sim depois dos 20, mas como veio agora é criar e viver a vida até porque ele vai ser um companheiro pra mim dentro de casa e na minha vida, então vai ser muito bom ter uma criança (Afrosa, 17 anos).

Mesmo com todas as dificuldades impostas pela sociedade, a gravidez gera nessas adolescentes uma nova fase na vida delas, um novo recomeço de conquistas e autonomia. Nem sempre a gravidez impõe arrependimento ou derrotas para essas jovens, e a confirmação disso está nas entrevistas feitas, que mostra como todas as adolescentes conseguiram crescer independente dos acontecimentos.

As adolescentes não escolheram mudar o passado, mas mostrar que ele foi fundamental para suas vidas, e que a criança foi importante para o crescimento pessoal delas. Através das entrevistas também, foi possível observar que as adolescentes que participaram deste estudo receberam total apoio do pai da criança, o que possibilita uma construção familiar entre ambos, tornando essa jovem menos vulnerável e trazendo segurança para elas. Duas das adolescentes entrevistadas conseguiram terminar os estudos recentemente, a outra parou de estudar no 2º ano do ensino médio, porém disse que retornaria ano que vem, pois seu filho já não necessitaria tanto dela como no início da gestação. As jovens que tiveram filhos e participaram dessas entrevistas são “mulheres” de um círculo social razoável da sociedade, nenhuma delas vive em situação de extrema pobreza, foram adolescentes que engravidaram por descuido como todas afirmam, até porque as mesmas já mantinham uma vida sexual ativa, o que se conclui que nem sempre a condição social é o principal responsável por determinar uma “gravidez na adolescência”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, ficou evidente o quanto é difícil construir uma vida perante as dificuldades que uma gravidez impõe na sociedade atual. Ainda é grande o número de adolescentes que engravidam, mesmo tendo as informações a respeito do assunto, sejam através da escola ou pelos meios de comunicação, todos esses intermediários não são suficientes para combater o índice de gravidez na adolescência.

Os pais devem ser a outra ponte de comunicação com os filhos, com o propósito de manter nesses o espírito crítico que os mesmos devem sempre se proteger para não correrem o risco de engravidarem precocemente, ocasionando uma série de problemas psicológicos, mas também corporal.

O medo da gravidez assusta as adolescentes e acaba levando a mesma a não se cuidar da maneira adequada, escondendo a barriga da família e só revelando que está grávida depois de muito tempo de gestação. Isso acaba sendo prejudicial não somente para elas, mas também para a criança que pode nascer doente pela falta de cuidados necessários.

A educação sexual que deveria ser trabalhada dentro das escolas se torna uma realidade cada vez mais distante, muitos jovens são impedidos de ter esse conhecimento de maneira adequada. Principalmente dentro do município de Grajaú-MA que é altamente religiosa e patriarcal, o que influencia ainda mais nos números de gravidez precoce. As jovens que pertencem a esse círculo social costumam não ter essa conversa com os pais pela vergonha de serem reprimidas, descobrindo esse momento de forma totalmente solitária.

O julgamento dos pais com seus filhos nos levam a uma reflexão moral, daquilo que é proibido dentro da sociedade, porque a repressão do sexo ainda é tão transparente, a família silencia ao máximo o ato sexual e as filhas tentam reprimir esses desejos ocultos dentro de si para tentarem viver de acordo com aquilo que parece ser certo.

As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela simples lei penal: a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente,

constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas (FOUCAULT, 1984, p.10).

Uma vez que as relações sexuais estão iniciando cada vez mais cedo, há essa necessidade de uma conversa entre pais e filhos, palestras de conscientização para os adolescentes na escola, aulas que busquem trabalhar sobre o tema, que possa haver campanhas para os bairros carentes, onde essas pessoas têm pouco acesso a esses meios de prevenção, e que se possa combater não somente a “gravidez”, mas também as doenças sexuais, que são esquecidas na maioria das vezes. Apesar de esses fatores serem esquecidos na maioria das vezes, as entrevistas das adolescentes que engravidaram na primeira fase da adolescência nos mostram que essas jovens tinham acesso e sabiam como se utilizar dos meios contraceptivos, mas como as mesmas relatam um dia de esquecimento do método pode mudar a vida delas pra sempre.

Diante de tudo que foi falado a respeito da gravidez e relatado por as adolescentes e pelos jovens entrevistados é possível concluir que se precisa de mais campanhas educacionais a respeito das relações sexuais, que os pais percam esse medo de conversarem com seus filhos, afinal não é dever unicamente da mulher se proteger, os meninos precisam assumir essa responsabilidade também.

Nesse cenário atual, todos devem se comprometer com as mais variadas formas de aprendizagem, que as jovens possam se conhecer para iniciar sua vida sexual, que o sexo não precise ser uma obrigação entre o casal ou que nenhuma adolescente se sinta pressionada a viver este momento por causa de uma obrigação que pode levá-la a uma gravidez problemática.

Durante a realização desta pesquisa foi possível observar que apesar das adolescentes terem engravidado cedo, elas não se arrependem da escolha de casarem e formarem uma família jovem, pois todas tinham o sonho de serem mães, apesar de romperem com seus sonhos no início, elas souberam superar essas dificuldades vivenciadas dentro da sociedade. A gravidez se torna um problema social, quando os “pais” da criança não querem assumir tal responsabilidade ou quando as jovens adolescentes pobres se encontram sozinhas e sem o apoio do pai da criança, esses são os principais fatores de responsabilidade afetiva que acarreta problemáticas sociais.

Na pesquisa já realizada na cidade são poucos os dados encontrados sobre a localidade, tudo é muito incerto sobre os números de gravidez, pois há muito descaso relacionado ao assunto. Dessa forma, estudar essa temática foi muito importante para minha formação pessoal e profissional, para entender o cenário atual, espero que este trabalho possa contribuir para futuros estudos dentro do Município de Grajaú – MA e que sirva como referência para adolescentes que estão passando por essa mesma situação.

REFERÊNCIAS:

ABRAMOVAY, Miriam. **A juventude e Sexualidade/** Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro e Lorena Bernadete da Silva. Brasília: **UNESCO, 2004.**

ALVEZ, José Eustáquio Dinis, **Gravidez Indesejada: um problema econômico.** Diário do Portal EcoDebate, 2010. disponível em: http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/gravidez_indesejada_prob_economico_15jul07.pdf, acessado em: 15/06/2018.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Brandão, E. R. (2009). **Desafios da contracepção juvenil: interseções entre gênero, sexualidade e saúde.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(4), 1063-1071.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo: Manole, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Aborto e saúde pública no Brasil: 20 anos.** Brasília, DF, 2009.

BRASIL, Secretarias Nacionais de Assistência Social, de Renda da Cidadania, de Promoção do Desenvolvimento Humano, todas do Ministério da Cidadania, e com contribuições da Secretaria Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, do Ministério dos Direitos Humanos. **Gravidez na adolescência: impacto na vida das famílias e das adolescentes e jovens mulheres.** Brasília, 2019.

BOURDIEU, Pierre. 1983. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.

CAMARGO, Elisana Ágatha Iakmiu and FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. **Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção.** *Ciênc. saúde coletiva [online]*. 2009, vol.14, n.3, pp.937-946. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000300030>. Acesso em: 02 de Jan. 2020

_____. Decreto-lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Código Penal. Vade mecum compacto:** Obra Coletiva. 13. Ed.. São Paulo: Saraiva 2015.

Dessen, M. A. & Braz, M. P. **A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas.** Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Editora UFPR.

DUARTE, Graciana Alves; OSIS, Maria José Duarte; FAUNDES, Anibal e SOUSA, Maria Helena de. **Aborto e legislação: opinião de magistrados e promotores de justiça brasileiros.** *Rev. Saúde Pública* [online]. 2010, vol.44, n.3, pp.406-420. Epub 07-Maio-2010.

EDUARDO, Kylvia Gardênia Torres; BARBOSA, Régia Christina Moura; AQUINO, Priscila de Souza; PINHEIRO, Ana Karina Bezerra. **REAÇÕES DA ADOLESCENTE FRENTE À GRAVIDEZ.** *Esc Anna Nery R Enferm* 2005 ago; 9 (2): 214- 20.

FOUCAULT, M, **História da sexualidade I: a vontade de saber.** Trad. M. T. C.

Albuquerque e J.A. G. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

HEILBORN, Maria Luiza. **"Gênero e Hierarquia: a costela de Adão.** revisitada in <ii>Revista Estudos Feministas volume 1, número 1 CIEC/ECO/UFRJ,1993.

Horizontes. antropológicos. vol.8 no.17 Porto Alegre Junho 2002.

HOGA, Luiza Akiko Komura; BORGES, Ana Luiza Vilella e REBERTE, Luciana Magnoni. **Razões e reflexos da gravidez na adolescência: narrativas dos membros da família.** *Esc. Anna Nery* [online]. 2010, vol.14, n.1, pp.151-157. ISSN 1414-8145. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452010000100022>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2015. Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2015. Rio de Janeiro: **IBGE.**

LE BRETON, David, 1953- **A Sociologia do corpo/ David Le Breton; 2. Ed.** Tradução de Sonia M.S.- Petrópolis, Rj: vozes, 2007.

MARTINS. Celso. **Gravidez na Adolescência,** Copyright, 2005.

MARANHÃO, Thatiana Araújo; SALES, Suzanny dos Santos; PEREIRA, Maria Lúcia Duarte; CORDEIRO, Luana Ibiapina; SOUSA, Carla Suellen Pires de. **Atitudes e reações familiares e sociais diante da gravidez na adolescência.** *Rev enferm UFPE on line.*, Recife, 12(4):840-8, abr., 2018.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NASCIMENTO, Mirlene Garcia; XAVIER, Patricia Ferreira; SÁ, Rafaella Domingos Passos de. **Adolescentes grávidas: a vivência no âmbito familiar e social**. Rio de Janeiro, Out/Dez. 2011. Disponível em: Acesso em: 30 de outubro de 2019.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. **O ADOLESCENTE EM DESENVOLVIMENTO E A CONTEMPORANEIDADE**. Portal de formação a distância sujeitos, contextos e drogas [Online], 2016. Disponível em: <http://aberta.senad.gov.br/>. Acesso em: 22 Dez. 2019.

Organização Mundial da Saúde. (2017). **Fase da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é Adolescência?**. Retirado de <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>.

RODRIGUES, Cibele Pavani; WECHSLER, Amanda Muglia. **A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 1 (1): 89-104, 2014.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **"Gravidez na adolescência"**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilestela.uol.com.br/biologia/gravidez-adolescencia.htm>. Acesso em 02 de janeiro de 2020.

SOUSA, Alicilene Nascimento de. **Gravidez na Adolescência: impactos sobre a vida escolar e profissional das mulheres do Bairro Extrema em Grajaú – Ma**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Maranhão, Grajaú – Ma, 2017.

SOUZA, T.Y de; OLIVEIRA, M.C.S. L de; RODRIGUES, D.S. **Adolescência e juventude: questões contemporâneas**. S/D, [Online] Disponível em; http://ens.sinase.sdh.gov.br/ens2/images/Biblioteca/modulos_dos_cursos/Nucleo_Basico_2015/Eixo_1/Eixol.pdf, acessado em: 27/05/2018.

SOUZA, Vera Lúcia Costa; CORREA, Maria Suely Medeiros; SOUZA, Sinara de Lima and BESERRA, Maria Aparecida. **O aborto entre adolescentes**. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.42-47.